

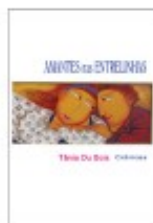
Tânia Du Bois



**A LINGUAGEM
DA DIFERENÇA**

“Os sonhos não circulam./
O jogo está suspenso
por decreto.”

(Ana Cristina Cesar)



A LINGUAGEM DA DIFERENÇA

TÂNIA DU BOIS

CRÔNICAS

1ª Edição

Março/2019



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projtopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa e diagramação: Tânia Du Bois

Arte da capa: Márcia Beatriz Aliprandini / Ilustração / 1 /

Mulheres Camponesas 2005 / Projeto Passo Fundo

Revisão: Pedro Du Bois

D815l Du Bois, Tânia

A linguagem da diferença [recurso eletrônico] /
Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

7,2 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-380-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

SUMÁRIO
APRESENTAÇÃO 11
A LINGUAGEM DA DIFERENÇA 13

ENTRE VERSOS & REVERSOS 15

Número um reverso número dois
Amores reverso horas
Verso & reverso envolto
Averso a más notícias
Paulo Monteiro reverso Vergílio A. Vieira
Tempo reverso momentos
Verso Zauza & reverso Cunha
No tempo o reverso de saudades
O reverso do momento
Social reverso sentimentos
Verso de Du Bois & reverso Luiz Otávio Oliani
Verdade ou pretexto reverso interlúdio
Mistério reverso mistério

ENTRE JOGOS DIÁRIOS 43

O jogo: instantânea fascinação
Jogo emocional (I)
Jogo do viver
Jogo de aprender
Jogo da vida: “sei do meu tamanho”
Jogo da memória I
Jogo de memória II
Jogo da desigualdade
Jogo de amar
Jogo de sentimentos
Jogo mortal
Jogo de armar
Jogo da mentira

Jogo de interesses
Jogo do desejo
Jogo da ilusão
Jogo de cores II
Jogadas da sobrevivência

ENTRE PALAVRAS 79

A linguagem da diferença
O lado de lá...
Simples e complexo
Mulher... As lembranças
Bandida maldade
Flores sem mistérios
Olhar para trás
Prós & contras
Constranger e ser constrangido
Mundo em ruínas?
Harmonizar o viver
Verdades & mentiras
Encortinar, não!
Gota a gota
As mudanças e as lembranças
Arrogância & ignorância
Opinião: pública ou publicada?
Afetividade & efetividade
O mistério entre ver e olhar
Musas & mães
A intenção e o feito
Na bruma do tempo
Experiência e memória
Positivo e negativo
Ossos do ofício
Erro por medo ou tenho medo do erro?



**“Tenha sempre
um livro
ao alcance
do seu tempo”
(Heloísa Pietro)**



POESIA

*“... é linguagem que age
reage, é risco
é coragem
de fazer do íntimo,
uma trama geral...”*

*... dar palavras
ao inominável*

*atear acordes
com o coração
sem nunca deter
o pensamento
da mão*

poesia

*não é acaso
mas, do amor trabalho
e um sério caso”.*

(Carmen Silvia Presotto)

Celebro com emoção a literatura, na certeza de que nela repousa a ideia essencial e imortal das palavras. Busco reportar ao entusiasmo sua importância, onde o significado das palavras realimentam a linguagem da diferença.

A LINGUAGEM DA DIFERENÇA

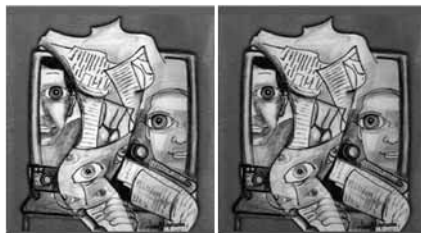
**TÂNIA
DU BOIS**

**CRÔNICAS
2019**

“O que fiz eu da minha vida?
... De um verso pelo reverso
fiz meu íntimo universo, /
espaço e tempo – sei eu...”
Aparício Silva Rillo

“PRIVACIDADE

*ruas curvas de injustiças
onde cães caçam piolhos
e pulgas e não ladram
quando jovens roubam
a privacidade
de seus moradores.”
(Carlos Pessoa Rosa)*



APRESENTAÇÃO

Entre os autores que foram seduzidos pelas imagens poéticas e procuraram divulgar a própria consciência alcançada a partir desse contato, não podemos deixar de apontar Gaston Bachelard. Causa estranhamento, com certeza, esse interesse algo desviante de um filósofo pelo devaneio. Entretanto, não teria a imagem poética uma origem arquetípica que poderia ser território de estudo? Ele nos mostra que isto não apenas é possível, como nos abre novas possibilidades de leitura do mundo que nos cerca.

Não vejo no trabalho de Tânia Du Bois pretensões filosóficas, mas suas crônicas, ora apresentadas, seguem de algum modo o maravilhamento tocado pelo filósofo do devaneio, abrindo-se em cada leitura poética para novas subjetividades, novas experiências e devaneios, como ela mesmo nos coloca em *“A linguagem da diferença”*: *No ir e vir das expressões consentimos com o despertar da consciência no real movimento das palavras, em que autores constroem o contar e o recontar de suas versões, que vivenciamos. As histórias são semelhantes em seus começos, mas, cada autor/leitor tem seu próprio olhar e modo de descrever a linguagem da diferença.*

A poesia permite o voo da palavra e todo um jogo de linguagem, o que possibilita à autora a percepção de que *a palavra rompe marcos e dá sentido à vida, permitindo um espaço para as palavras entrarem em ação na perspectiva de colocar as situações da vida no meu (nosso) dia a dia.* Seja na

direção da novidade, do pitoresco e do inesperado, de uma primavera a descrever, ou das forças que escavam fundo o ser, numa substância interna, como quer o filósofo, nossa cronista aponta para o fato de a arte de poetizar ser um *instrumento de ligação entre nós e o mundo a descortinar os mistérios da realidade onde escritores conduzem com dinamismo ao nos mostrar a riqueza por detrás das palavras.*

Tenho acompanhado de muito o trabalho de Tânia Du Bois, uma cronista do devaneio, na procura dos momentos poéticos que *transcendem o pensamento, paisagens e vivências, em que caminhos se cruzam e transformam o inesperado em jogo diário.* Como ela mesmo afirma: *Nas diferenças reencontramos formas trabalhadas em linguagens maiores e menores, expressões atrativas no verso e reverso das palavras, ao buscarmos inovações para desvelar as entrelinhas e entrecruzar o caminho da liberdade na conexão com a realidade poética entre palavras.*

Se cada poema é um convite a uma viagem muito particular, a autora do livro que agora tem nas mãos acrescenta ao roteiro novos portos, abrindo-nos a novos devaneios. Como ela mesma afirma: *A linguagem da diferença é tecida, para criar o momento mágico, como pano de fundo da nossa realidade.*

Carlos Pessoa Rosa

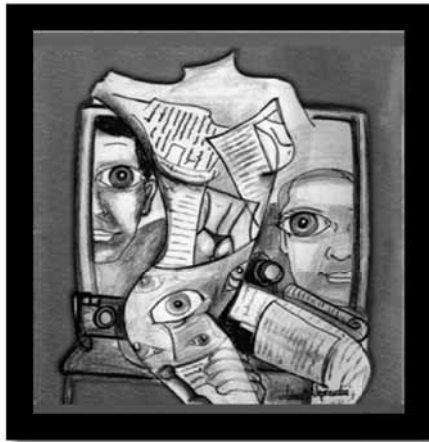
Escritor, editor do site www.meiotom.art.br, com livros premiados e publicados pela Editora CEPE, Coletivo Dulcinéia Catadora, pequeno editor, Amazon.com, e em diversos sites e revistas literárias.

A LINGUAGEM DA DIFERENÇA

“Retrabalhar a forma é
contudo reformular o
conteúdo. A ironia é um modo
de dizer algo pelo avesso, sem
que o literalmente dito fique
eliminada como mero
passaporte”.

(Flávio R. Kothe)

**“...Sentava sobre as
ideias e, por isso,
estavam mofadas...”
(Agostinho Both)**



**Entre
VERSOS
&
REVERSOS**

“Nada ofereci além de estar
consigo em verso e do poema
retirar o inverso da canção”.

(Pedro Du Bois)

“EMBRENHAR-SE

caminho
de terra embrenha-se na mata
mata
que se embrenha na natureza
natureza
que se embrenha nos olhos
olhos
que se embrenham no poema
poema
que se embrenha no amarelo do Ipê”
(Carlos Pessoa Rosa)



NÚMERO UM reverso

NÚMERO DOIS

Lembramos:

- o primeiro número da senha para...
- o primeiro aluno, filho, neto
- a primeira professora
- o primeiro professor
- o primeiro emprego
- o primeiro salário
- o primeiro carro
- o primeiro a contrair a doença
- o primeiro a perder
- o primeiro passeio de barco
- o primeiro cigarro
- o primeiro gole
- o primeiro café
- o primeiro susto
- o primeiro tombo
- o primeiro fora do namorado
- o primeiro beijo
- a primeira carta.

Todos querem ser o número um, o primeiro em:

- ... atendimento
- ... amor
- ... lembrança
- ... amor platônico
- ... satisfação pessoal
- ... alegria
- ... vermelhar
- ... fotografia
- ... luta

... desespero
... vômitos
... enjoo
... amargura
... descoberta
... medo
... risos
... desencanto
... emoção
... vida.

Agora, passamos para o número dois, o segundo qualquer coisa.

Quem sabe dizer o que cada coisa é? Ou a coisa que a coisa é? Segundo dizem, há coisas que são, como se as coisas do mundo fossem. Inventamos coisas para reconhecer cada coisa como ela mesma. O segundo qualquer coisa desaparece e o que fica é o rastro por onde a coisa passa...

AMORES reverso HORAS

“Felicidade se acha nas horinhas de descuido”
(Guimarães Rosa)

Cada um tem o seu momento de encontro com o amor e com a hora do que tem e quer para a vida, no significado da existência pelo sentimento. Como encontro em Oswald de Andrade, no livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

Amores reverso horas constitui a inegável relação em que os anseios evidenciam o viver, o que nos permite ir atrás de respostas para superar o desafio sentimental. As horas seguem as dimensões da condição humana em seu dilacerante dilema: múltiplas trajetórias que o tempo imprime ao aflorar através dos sentidos, para não se desfazer dos momentos amorosos. Ruth Laus declara, *“Nasce dentro de mim um tremendo duelo: o desejo persistente de ser amada e a incapacidade de me fazer amar”*.

A inspiração chega com a vida em suas múltiplas escolhas e, uma delas, é de que somos “donos” do tempo ao reforçarmos os atos de amor. As escolhas provocam expectativas que provam ser a inspiração uma questão de atitude. Viver é atitude para recordar o merecido reconhecimento do amor, com licença para despertar no mundo em que as horas estão em nossas mãos. Mãos que tocam a alma na busca pelo equilíbrio do passado que dá lugar ao presente, não só na figura amorosa e carinhosa, mas que também é segura e decidida. Amores e amados se revelam na poesia, como demonstra Pedro Du Bois, *“Amores //... bravo*

*gesto alargado/ em verbos caricatos / de perfumes e cores //
resta a palavra / na inconsequência / do dizer: cada passo / dado
com você”.*

Acredito no poder das palavras para viver o amor; sentimento que é bem vindo em nossas vidas por nos deixar desfrutar um tempo de liberdade. É forma de presenciar a hora na fragilidade com que deve ser tratada: desejos, sentidos e sentimentos no relacionamento. Pedro Du Bois retrata, *“carrego no pulso o relógio / que me aprisiona / em horas determinadas... // Na determinação do tempo em ponteiros de engrenagens. / Conduzo a hora despercebida”.*

O tempo ajuda a desfrutar o amor e reviver o passado e, ainda, cobra as relações e o tornar a sentir. Esse reverso nos leva a dedicar a vida ao outro como busca para incrementar as horas e despertar alguma reação pessoal. É atitude que restaura os amores reverso horas, como no romance de Saul Bellow, *“Tudo faz sentido. Do passado obscuro ao futuro incerto”.*

VERSO & reverso: ENVOLTO

Estou envolta e sou movida pela arte da escrita e da leitura, principalmente da poesia. Com ela aprecio as cenas da vida através de contrastes em cenas fortes que surgem das figuras de linguagem, referentes nas diferenças dissimuladas pelo tempo. Para Haroldo de Campos, *“Tinta branca/ sobre folha branca // escrever é uma forma de ver”*.

No encanto pela literatura, compartilho poemas *envoltos* em duas versões; a primeira, de Pedro Du Bois, *“Envolto em luas / distraio fracas luzes / e repasso a cena / em cômodas / e lutas / metades: / revolta / latejadas / no tempo / despreparado. // O destino sela luzes / aparentes. // Envolto em luzes / desconsidero a farsa: / lado revisto pelo espelho”*; a segunda, o reverso de Maria Thereza Neves, *“Envolto em brumas / luzes distantes / onde as sombras dançam / recordo / lembranças: metades”*.

Os poetas retratam a peculiaridade da luz como componente fundamental da contemplação. Ganham força ao dominarem a perspectiva, como efeitos da luminosidade. Retratam o que neles se transubstancia ao traduzirem seus sentimentos e suas inspirações na diversidade de suas produções. É como ouvir *Yesterday* cantada por Elvis Presley ou Ray Charles. Ou *Mulheres de Atenas*, por Chico Buarque ou o Quarteto em Cy. Cada um com suas interpretações, todas esplêndidas!

Outro exemplo são os livros de Jorge Luis Borges, Joaquim Cardozo, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Carmem Presotto e tantos outros, cada leitor se encontra no

movimento das palavras conforme seu entendimento, conhecimento e visão sobre a arte contida na obra escolhida. Nas palavras de Júlio Cortázar, *“Não é ruim pelo tema, porque na literatura não há temas bons ou ruins, há apenas tratamento bom ou ruim”*.

AVESSO a más NOTÍCIAS

*“Nada começa, e nada acaba, / que não se pague com gemidos; /
porque da dor dos outros nascemos / e da nossa morremos”
(Abgar Renault)*

Sempre que há sofrimento, penso que a vida não tem sentido. Tudo acontece rapidamente e as decepções se apresentam como resultados. Nilto Maciel costumava dizer, *“...Mande notícias boas. Sou avesso a más notícias”*.

Na verdade, viver é assustador, porque percebo o mundo em detalhes e muitas vezes, temo ao olhar com cuidado, para não me perder na poeira, como os encontros que não consigo decifrar e, também, por não confiar nas pessoas que gostam de tirar proveito da minha delicada situação. Nas palavras de Silvana Amaral, *“...Quem sabe chegará / Enfim o dia / No qual / A contragosto / Aceitarei / Que não sou nada // Além de mim mesmo”*.

Trata-se de uma constante em minha vida: receber más notícias. Quando menos espero, elas chegam, para ficar. Parece um ritmo continuado acima de qualquer suspeita, mito ou preconceito. O que posso dizer ou fazer? Quem sabe, continuar a criar e alimentar a imaginação, como distração.

Envelheço entre más notícias e não me dou conta de viver o dia a dia. Meço o tempo entre o mistério da chegada da má notícia e o significado da espera; então, espio as frases livres do livro que leio e me digo satisfeita. Mas, ainda assim, preciso considerar que as páginas transcrevem uma triste história, o que me consola, como em Foed Castro Chama,

“sobre as ruínas do tempo / a luz é matéria / eu movimento, / o sangue é pensamento”.

Pessoas enfrentam na vida diferentes tragédias, passam pelo processo de autoconhecimento, o que lhes dá suporte para seguir em frente. Cada um precisa encontrar sua maneira de lidar com as más notícias, porque elas são inevitáveis. O importante é questionar quando começa a valer essa situação e se, ao lidarmos com o ruim, aprendemos a valorizar o bom, como sinal de que estamos focando em ideias e definindo procedimentos de avanços emocional, cultural e social, consensuais entre a fragilidade e a razão.

A emoção decorre da fragilidade; costuma haver distanciamento entre o valor real da má notícia e a multiplicação dessa experiência. Cada vez mais, o desrespeito do “mau” representa fatia maior dos sentidos no medir a vida a partir dos desafios: sou avessa as más notícias.

PAULO MONTEIRO reverso **VERGÍLIO A. VIEIRA**

Palavras mostram o caminho da liberdade dando sentido à arte de escrever e ao viver na poesia. Escritores atuam como apresentadores ao desfilarem palavras na passarela da cultura.

É através da literatura que indago o sentido da vida, quando é feito de palavras provocativas e renovadoras que me inspiram e permitem que eu reflita sobre a realidade.

Paulo Monteiro e Vergílio Alberto Vieira exercitam a arte de poetizar como instrumento da liberdade e, ao lê-los, percebo suas influências no meu pensamento; assim, reconheço no encontro entre os dois poetas, suas diferenças nas semelhanças e no pluralismo das ideias como desafio.

Paulo Monteiro, com a poesia, *“antipoema // logo as portas do cadafalso se abrirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde / mas será um lugar melhor do que este / aliás qualquer lugar é melhor do que este // nem enterrem meu coração na curva do rio / lancem minhas cinzas no rio da minha infância / entre as pedras do pinheiro torto / lá onde a jaguatirica e seus filhotes vão beber a água / nos três potes quebrados pela saracura // à noite os vagalumes voarão em curvas sobre as águas / o corujão-de-orelhas lançará seus gritos de alerta / e minha alma / esta sacha de todos os poetas / ao lado da alma de manuel bandeira / ouvirá o chilrear do pardalzinho”*.

E, Vergílio A. Vieira, com o poema, *“Arte Poética // Já perto da boca / ardem as arcas // e ainda o sigilo das águas / mal*

*do corpo // ágil se despede Quem / tão lentamente // entre sinais
de fogo / desarma o coração // Pelos vestígios da hera / retomo a
criação //do rosto o rosto / apenas chamo // a soltar a terra /
onde o nome // das aves // branco se anuncia”.*

Não restam dúvidas, frente a frente, eles permanecem em diferentes sensibilidades e no mesmo plano intelectual. Razão para relacioná-los como escritores que demonstram ser a habilidade de expressar emoções algo que torna o leitor especial; os movimentos de suas palavras levam-me a refletir sobre a interação arte & cotidiano e, a partir daí, anunciar-me, não apenas para reinventar-me, mas também para lidar com as ilusões ao me traduzir.

Prova disso, de encontro ao meu cotidiano, transponho em imagens as ideias de Paulo e Vergílio e vou ao âmago da questão: sinto que a palavra rompe marcos e dá sentido à vida.

TEMPO reverso MOMENTOS

O tempo desatualiza os momentos? Talvez deva perguntar que momentos de descobertas e verdades escondidas podem me atingir no tempo. Em que dias? Seus dias? Meus dias? Ou nossos dias perdidos no esquecimento? Segundo Saramago, *“Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais”*.

Na eterna ironia do tempo, guardo a palavra, a história e o olhar de conquista, onde a vida me delega momentos sem limites e duradouros fios de esperança. Como em Hermes Aquino, *“... Não adianta escrever seu nome numa pedra / Pois esta pedra em pó vai se transformar / Você não vê que a vida corre contra o tempo / Sou um castelo de areia na beira do mar... // Sou nuvem passageira...”*

Para o tempo desatualizar os momentos é necessário um ponto de inflexão sem valor emergente, porque meus momentos são imagens que permanecem em mim, em que não desisto do feito e interiorizo e registro na memória a passagem, como processo de transformação, ao buscar a lembrança do momento sensível e necessário para desdobrar o tempo ao questionar: o tempo é o reverso dos meus momentos? Lembro Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego*, *“... Por arte entende-se tudo que nos delicia sem que seja nosso – o rastro da passagem, o sorriso dado a outrem, o poente, o poema, o universo objetivo... Sentir sem possuir é guardar, porque é extrair de uma coisa sua essência”*.

Não por acaso, o tempo coincide com mudanças, mas, minha memória atualiza os momentos em que vivo a experiência da diferença no por do Sol. O que me leva a uma passagem verdadeira no momento em que sei ser única, porque percorro o avesso da realidade; como nas palavras de Fernando Andrade, “... Hoje é o dia para celebrar / A alegria de estar / Vivo e cercado / De pessoas que amo - // Assim, com essa luz à volta, / Não há por que temer tanto / O fim, nem a memória do começo...”.

Verso ZAUZA reverso CUNHA

O que há de diferente entre a poesia e a crônica dos escritores Getúlio Zauza e Gilberto Cunha, que passam mensagens que me permitem reflexões? Não sei dizer com exatidão, mas a beleza de suas palavras é motivo para deixar o meu o pensamento imerso no silêncio da leitura do que me é revelado através de seus textos. Analiso sem julgar ou criticar a poesia e a crônica que, na constância da leitura, me trazem os seus textos; abro espaço para as palavras entrarem em ação na perspectiva de colocar as situações da vida no meu dia a dia.

No verso de Zauza “Eu Vejo” e no reverso de Cunha “Te Vejo”; há sintonia nas ideias que me permitem, na medida da leitura, parafrasear Descartes: *eu vejo, logo, te vejo!* Porém, como o tempo está em permanente conflito com as possibilidades de continuar “te vendo”, soa que o que sinto e penso é real, emocionante e belo.

Parece que silenciosamente desvelam o verso em reverso com outras palavras, como Getúlio Zauza no poema *Eu vejo // “Dizer que não vê o pensamento / pode ser verdade ou engano, / eu o vejo no exato momento / em que nasce como nasce o ser humano...”*

Gilberto Cunha, na crônica *Te Vejo!*, expressa que “*não só de ver, mas sentir a presença, nas relações interpessoais, que os zulus, em vez dos nossos protocolares cumprimentos – “bom dia / boa tarde / boa noite”, “como vai?”, “Oi, tudo bem?”, “Olá, eu vou bem, obrigado/obrigada” etc -, optam pela peculiar saudação, “sawubona”, que significa “TE VEJO!”*, ainda, na

inusitada resposta, “sikhona”, literalmente traduzida por “ESTOU AQUI!” “Simples assim: TE VEJO... ESTOU AQUI!”

Seus pensamentos me levam a divagar pelo desejo de me permitir vencer os ruídos da vida para me concentrar nos pensamentos e nas palavras que revelam os sentidos; também posso me declarar e me expor quando vejo você; ainda, unir a realidade com o tempo em que, em cada passo, admito a importância quando “te vejo”.

No simples fato de “olhar” para alguém, o pensamento estimula o ser com comedida intenção, além de dar tempo ao tempo, para produzir efeito e aquietar a mente. Em passe de mágica, percebo o significado das palavras tornando espontânea a minha atitude, na troca através da qual percebo o que de bom me acontece no presente.

No TEMPO o reverso da SAUDADE

Acordo e sei que não deixarei de pensar em você. Sinto no tempo o reverso da saudade que se apresenta longo; chega à memória acompanhada dos ponteiros que marcaram o nosso viver, colocados para sentir a vida sem você, em estado de êxtase, pois, não me é permitido o tempo para voltar “àquela época de felicidade”, na qual a saudade não se fazia presente e eu estava descobrindo o nosso amor e captando a sua alma.

Hoje, tenho coragem para inventar o tempo ao contar a nossa história com o objetivo de guardar na lembrança a harmonia, o respeito, a alegria, a admiração e o amor. Pergunto se existe sentimento tão difícil quanto a saudade. Tom Jobim e Vinícius de Moraes respondem, “... *chega de saudade / A realidade é que sem ela / Não há tristeza e melancolia / Que não sai de mim...*”

Revivo o tempo para me encaixar na atualidade, em que a saudade dá sentido a nossa história e aos melhores momentos. Não me esqueço dos piores, guardados em mim e igualmente importantes em seus significados.

O tempo providencia retornar a lembrança com saudade. Sinto-me perdida pela sensação de que podia ter sido diferente; como encontro no livro de Ruy Castro, em que ele “*faz uma narrativa que se lê como um romance a vida boêmia e cultural dos tempos da Bossa Nova*”.

A saudade que carrego me leva a sentir que a vida romântica ficou no passado e que os personagens foram embora; não mais existem, pois, não há registro dos nossos

encontros. Resta a lembrança das sensações vividas na expectativa do tempo no reverso da saudade.

Preciso fazer o que me dá a certeza de que a saudade passará ao resistir à tentação de voltar a procurar você no cenário daquele grande momento, onde referencio a nossa história; juras de compromisso; livros de registros do nosso amor e a música no ritmo do coração. Embora não possa fugir à dura realidade, nem fazer da minha hora o nosso tempo passado, continuo a sentir você no reverso da minha saudade.

O reverso do MOMENTO

Reparo que os detalhes da vida são semelhantes aos gostos e cores. Não podemos buscar apenas a palavra e a cor sem valorizar o que gostamos como a leitura da obra literária, em única cor, que denomina as diferentes posições, com variações suficientes para nos entusiasmar em ideias; inspirando-nos para que tais palavras se multipliquem, dinamizando na arte literária os detalhes da vida.

A palavra representa o significado do quanto gostamos, ou não, de uma obra literária, que ainda tem o poder de se manifestar na construção de poemas de rara beleza. É o caso de Luiz Otávio Oliani, em relação ao meu livro de crônicas, *Comércio de Ilusões/2015*, em que ele, no momento de criação fez o reverso da leitura: *COMÉRCIO de ILUSÕES*, “*não ter quem o leia / não frustra o poeta // na contramão do mundo / produz versos / à revelia do sistema / quem o calará? / quem o trará de volta a realidade?*”

O poema nasceu pelo gosto e cores na inspiração de Oliani que, por detrás das crônicas, em interpretação única, fez o reverso do momento na busca, no encontro singular para com a leitura e com ele mesmo; para melhor desfecho trouxe-me a possibilidade de ver a vida em detalhes que me permitem traçar caminhos para escrever novos textos com maior profusão de cores.

SOCIAL reverso SENTIMENTOS

Um dos pontos que marca com clareza o descontentamento do homem moderno é a sua certeza cotidiana quanto aos seus desejos. Nas palavras de Iara Maria Carvalho, *"não presumo a extensão do desastre: / tantas vezes mil é o peso do arame sobre os ombros..."*.

Apesar de ter consciência das regras sociais, o homem enfrenta seus desejos com o medo que se apresenta e, às vezes, seus sonhos beiram a assustadora realidade. Porque na verdade reside na relação de conflitos entre o desejo e a consciência ao cumprir as regras como dever, o que pode representar o reverso entre o social e o sentimento na necessidade de questionar o avanço desenfreado do progresso. Iara Carvalho escreve, *"chega um tempo / em que a vida / precisa ser em voz alta"*.

Somos diversos entre nós e conseqüentemente, somos regidos por regras na composição do cenário vivenciado nas relações que explodem as diferenças nos (inconscientes) desejos, o que se repete no processo de instrumentalização da cultura. Como em Iara Carvalho, *"vivo sob um pêndulo sombrio / que me leva / aqui // ali // - além... // à procura de um sonho / que me devora / a luz"*.

As regras estabelecidas pela sociedade são a postura frente ao progresso e visam evitar conflitos comportamentais entre as diferentes percepções do mundo. A emoção vivida de maneira intensa pode falar mais alto do que a razão e, conseqüentemente, levar a vivermos em relação desarmônica na inconciliável oposição entre o social e o sentimento. Ou

seja, desejos e regras são oposições consideradas na construção da vida, em que a arte de conviver se desenvolve com vigor em que cada um tem seu tempo para expor ideias e ideais. A vida acelerada, como (d)efeito, resulta em igualar as pessoas na inferioridade cultural. Ainda em Iara, “... *desejou minha memória, / meu jeito perigoso de servir / e o passar lento dos meus dias sem orgulho. // Uma dama sem avessos?...*”

O pior da modernidade em nossos dias pode ser explicitado pelo receber telefonema do crematório oferecendo bom plano de pagamento e dizendo para você aproveitar a oportunidade (?!). Penso que no caso extrapolaram as regras racionais e emocionais. Ainda, e no mesmo dia, alguém da casa lotérica telefona oferecendo a sua grande oportunidade de enriquecer com os jogos tais e tais!??

Verso de PEDRO DU BOIS & reverso de LUIZ OTÁVIO OLIANI

Quem não gosta de ler um bom poema? Não é à toa que o costume de ler e de se deixar levar pelas palavras faz parte do viver; é o mundo dos valores emocionais e dos mistérios que nos leva a refletir sobre a vida.

A marca e o estilo de cada escritor visa sustentar as trocas de ideias ao determinar palavras para suscitar a memória, a lembrança e a realidade na reconstrução em novas imagens, com movimentos que revelam inovações.

A arte de poetizar é importante porque é instrumento de ligação entre nós e o mundo: descortinar os mistérios da realidade onde escritores conduzem com dinamismo ao nos mostrar a riqueza por detrás das palavras, que podem ser alteradas pelo leitor, como aconteceu com Luiz Otávio Oliani, ao ler o poema de Pedro Du Bois, que o inspirou a descrever “por outra janela”:

ESCREVER (*Pedro Du Bois*)

“Escrevo na folha /a estrofe derradeira /condensada em palavras /de despedida.// A folha preenchida /pede folhas sucessivas. // Escrevo histórias recontadas / em dias de mesmas palavras”.

POR OUTRA JANELA (*Luiz Otávio Oliani*)

Logo após ler o poema “ESCREVER” de Pedro Du Bois:

“o que rascunho na folha / é novo para mim // velhos
sentimentos / em poesia / amor morte solidão / sempre assim
// o olho do poeta / capta o nunca vivido / a voz não dita / o
inimaginado // metamorfose à risca / o papel sempre
engravidado / de sensações inéditas”

Esse encontro na arte da palavra e na expressão acontece em momento da liberdade, onde a inspiração, muitas vezes, passa por caminhos e trajetórias pessoais onde existe a vontade de revelar o quanto de (re)criação e sentimento os norteia. Luiz Otávio descobre esses mistérios e o revela nas palavras poéticas, levando-nos à (re)leitura sobre onde começa a “sede” de criar, que não tem fim, para refletirmos com o seu despertar e aprendermos, com ideias diferentes, a mantermos nossos ideais.

Oliani assim descortinou no poema de Du Bois e, na diversidade, fez o reverso com a sua criação. Os autores mostram através dos poemas que algo acontece em seus corações, e que suas linhas transbordam versos e reversos.

VERDADE ou PRETEXTO **reverso INTERLÚDIO**

O pretexto ecoa palavras incertas sobre a verdade que, em momentos decisivos, evidencia os anseios incutidos pela busca. A verdade recria dias de esperança para sonharmos na vida. O interlúdio é desafio que precisamos para vencer as escolhas do viver.

Verdade - não tenho limites, trabalho até nos finais de semana. Estou cansada!

Pretexto - não há um só dia em que posso me despreocupar com a vida. Sempre surgem problemas para resolver e não há “remédio” que os solucione.

Interlúdio - Pedro Du Bois: *“Fazer as coisas definidas: / refazer as coisas / indefinidas: // definir as coisas”*.

Verdade - na medida em que as pessoas vão juntando apenas dinheiro, perdem a qualidade de vida, porque o dinheiro expressa apenas a roda viva.

Pretexto - estou cansada de assistir tal situação: tem um tempinho, pode ficar com as crianças?

Interlúdio - Jorge Salomão: *“... o que você quer? Você é quem debaixo desta máscara?”*

Verdade – o que ganhamos ou o quanto perdemos, neste mundo solitário, em que só o ter é valorizado?

Pretexto – atualmente as mães resolvem tudo. Nem as crianças guardam os brinquedos e nem os pratos da refeição são levados para a pia.

Interlúdio – Leila Mícolis: *“Vêm os jovens / e escrevem nas árvores seus nomes entrelaçados; / voltam adultos / e destroem esses corações apaixonados”*.

Verdade – qual o limite para nos sentir realizados? Temos clareza sobre nossos propósitos?

Pretexto – definimos as prioridades cotidianas para melhorar nossa relação temporal, pois, poucos conseguem o milagre da multiplicação das horas.

Interlúdio – Luiz Coronel: *“Atrás de nós / há uma passeata de culpas, / e o remorso não nos poupa / em seus discursos”*.

Verdade – precisamos lidar com a culpa quando não estamos trabalhando. O segredo é focar para não desperdiçar o tempo.

Pretexto – planejamos o dia a dia sem separar o profissional do pessoal, nem o sim do não; não prevemos o tempo utilizado em cada atividade.

Interlúdio – Lêdo Ivo: *“... E passo o dia guerreando / a nuvem que me muda em sombra / e o sol fora do meu alcance”*.

Verdade – De quantas leituras somos feitos? Atitudes? Lembranças? Amar e ser amado é suficiente para valorizar o ser?

Pretexto – temos a clareza do que queremos; abrimos espaço para a realização pessoal e criamos oportunidade para maximizar o tempo.

Interlúdio – José Degrazia: *“No caminho a flor / mais bela incendiou / sem avisar / que havia uma palavra / para ser dita / em algum lugar”*.

Verdade – diante da correria cotidiana escondemos incertezas, acomodações e o significado dos sentidos. Acreditamos que trabalhar muito é certo e normal.

Pretexto – não há reflexão se deixamos tudo de lado em prol do ter. Não mais criticamos os assuntos e nem expomos o nosso ponto de vista, porque alguém pode não gostar. Não conseguimos agradar a todos ao mesmo tempo. A falta de tempo é desculpa para estarmos verdadeiramente presentes em atividades não remuneradas.

Interlúdio – Mário Faustino: “... *Mas nós, que flor e fruto destruímos / quem nos aliviará a fome e a sede quando / mortos sentirmos o coração vazio?*”

MISTÉRIO reverso MISTÉRIO

Lígia Fagundes Telles argumenta, “O mistério é inexplicável. Sortilégio? Magia?”; Rimbaud responde, “Vós nada compreendeis e eu nada poderei explicar-vos!”

Mistério maior é saber como surgem as ideias? Penso que algumas surgem da nossa visão sobre fatos e objetos, outras das imagens e palavras. Segundo Lígia Telles, “a memória devolve a frase intacta e ela se multiplica como o milagre dos pães”.

Mistério mesmo é a criação literária! Por exemplo, o livro de Lígia, *Mistérios*, de 1981: contos que oscilam entre o real e o imaginário, como verdadeiro desafio ao leitor.

Criar é importante; imaginar é importante. Sonhar é dar à vida a cura de qualquer dor, pois, ajuda a me iludir na realidade. Quando imagino, saio do prumo para não me sentir isolada no rumo. Mergulho sem medo no mistério, para conquistar e revelar as palavras e, neste movimento, espalho segredos em gritos de emoção, tal em Cândido F. Ferreira, “... transformar este mundo em um mundo melhor, / Não é ser um sonhador, / Mas, sim, possuir um sentimento pleno de humanidade”.

Mistério é acreditar no ideal e lutar pelo outro; é amar e ser amada no amanhecer sem sol e encontrar a alegria no dia chuvoso.

**“Jogo em que
as imagens
se refletem:
na exaustão
me incorporo
em tantos
reflexos”**

(Pedro Du Bois)



Entre JOGOS DIÁRIOS

**“Um jogo bastante perigoso// os
poemas que escrevo / são moinhos /
que andam ao contrário / as águas
moem / os moinhos / que andam ao
contrário / são as águas passadas”.**

(Adília Lopes)



**“A cor, a forma, o som, o
ritmo, a metáfora,
a sinestesia,
revelam-se produtos
maleáveis,
que se amoldam ao talento
de cada calibrador da arte.”
(Helena Rotta de Camargo)**

o JOGO: instantânea fascinação

Encontro em Pedro Du Bois que, “Quando menos esperamos os jogos traduzem em sortes. Ou azares. Por isso, somos tentados a acreditar, suspendendo a hora, até que a nossa (ir)realidade se faça aparente e nos conforte”. A vida se revela como expressa Du Bois. Cada vez mais em longas jogadas buscamos na sorte o sonho.

Jogar é assunto que desperta expectativas, sobre as quais seria bom que houvesse respostas reais. Certas perguntas martelam a minha cabeça, como, por exemplo: qual o mistério que leva a pessoa a jogar? Quais são os jogos de “guerra” urbana e social? Qual verdade sobre o jogo é real ou manipulada? Quantos tipos de jogos são diariamente transmitidos pela ganância e arrogância? Que tipo de jogo leva à diversão? Quando o jogador perde, onde fica o vício?

O vício faz com que o jogador responda o que as pessoas querem ouvir, para aceitar sua posição. Nem comentários e argumentos conseguem diminuir a fascinação pelo jogo (com que sustenta o olhar na hora da jogada). O jogador pensa no jogo e sente-se dominado por instantânea fascinação; angústia e realização, repressão e estremecimento ante o adversário, até ultrapassar o ponto em que o sonho se desfaz. Iludido, joga para ganhar. Perdas e conquistas são tratadas como instantes de sobrevivência; distorce a verdade para se valer da oportunidade de apostar em dias sem resultado. Pedro Du Bois, no livro *A Hora Suspensa*, pergunta, “... há alarme para corações / amores e apostas?...”

O tempo é indispensável para perceber que em cada jogada esquece o peso do relógio, pois, acredita apenas na engrenagem da hora soando em sua cabeça, isto é, o jogador se perde pelo instante da fascinação. Como revela Pedro Du Bois, *“Aposta / o futuro / na roleta // perde o presente // aposta / a vida / em jogatinas // perde o que tem”*.

O instante da fascinação é o que deixa o jogador com a história presa na garganta. Nem tudo que diz é verdade, traído pela voz que o surpreende no retificar a aposta; esconde-se na arrogância e entrega-se à ganância como vício. Terá o apostador consciência de que a sorte ri da sua aflição? Ou que a sorte é nuvem passageira? Para Hermes Aquino, *“Eu sou nuvem passageira / Que com o vento se vai / Eu sou como um cristal bonito / Que se quebra quando cai...”*.

JOGO EMOCIONAL (I)

A música é suspiro efêmero, mágica elevada aos céus e ao inferno; relembra momentos especiais e embala meu corpo no ritmo do prazer e da dor da saudade. Como em Geraldo Vandré, no Festival da Canção de 1968, *”... caminhando e cantando e seguindo a canção / Somos todos iguais braços dados ou não / Nas escolas nas ruas, campos, construções...”*.

A vida é feita de opostos que se completam: tendo a lembrança, como esquecê-la? Na música encontro o reconforto pelo que passou e restou apenas na sonoridade sentida como recordação. Por isso, reinvento o viver, musicalmente, para reconhecer o significado das palavras e o ritmo refletir o passado, para sentir o presente. Assim, na música *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso, *“Caminhando contra o vento / Sem lenço e sem documento... // Eu tomo coca-cola / Ela pensa em casamento / E uma canção me consola / Eu vou //... Sem lenço e sem documento / Nada no bolso ou nas mãos / Eu quero seguir vivendo o amor...”*; marco do movimento tropicalista ao ser apresentada, em 1968, no Festival da TV Record.

Quando escuto músicas, sou tomada pelo jogo emocional em cena de luzes, cheiros e sabores, onde meu pensamento se alia ao tempo que se amplia, fosse mar de sentimentos.

Os músicos constroem “arquiteturas” exuberantes, pois, conseguem retratar meu “clima envolvente” em cada

canção, refletindo a alegria e a tristeza como momentos únicos, onde interiormente grito minhas saudades.

São inúmeras as vezes em que a música me ilumina em tons, que me permitem “fingir” que estou revivendo o jogo emocional; assim, o show de Bossa Nova, em 1960, intitulado a *Noite Do Amor Do Sorriso e Da Flor*, apresentada nas dependências da UFRJ, com a participação de João Gilberto; Ronaldo Bôscoli anunciou que *“Esta é a noite do amor, do sorriso e da flor. E este é realmente o primeiro festival de bossa nova mesmo. Não se espantem...”*

Sei o valor da música na vida; nela navego nos braços dos sentimentos; vejo o por do sol se refletir nas águas do mar, deixando claro esta vida de sombras. Então, sinto a importância da música, porque ela dá a sensação de poder envolver o passado nas lembranças presentes; como acontece quando escuto Elizeth Cardoso, na comemoração dos 50 anos de Bossa Nova, em *Chega de Saudade: // “Chega de saudade/ Vai minha tristeza e diz a ele / Que sem ele não pode ser...”*.

Momentos em que, ao resgatar detalhes no meu viver, sinto vontade de estar novamente dançando pelo tempo e ouvindo a alegria do coração, como proposta para capturar as “imagens” como jogo emocional. Evinha bem refaz, cantando *“Eu vou voltar aos velhos tempos de mim / vestir de novo meu casaco marrom / Tomar a mão a alegria...”*

JOGO do VIVER

Minhas palavras são tecidas na eloquência: mulheres alegres, bem resolvidas e amadas, cantam, dançam, fazem e acontecem ao mandar recados ao mundo: somos tomadas pelo sentimento forte de felicidade, porque os homens estão nos escutando e, assim, nos valemos sem máscaras.

Abrimos o jogo do viver em parceria com os homens; confiamos neles no partilhar as responsabilidades do cotidiano; consideramo-nos aliados. É mais fácil superar as dificuldades ao vivermos juntos, sem arcarmos com o peso de sermos sempre as “superpoderosas”.

Serge Hefez relata, *“as conquistas das mulheres geraram uma crise masculina e estão forçando uma mudança”*. Isto é, atualmente os homens estão dispostos a assumirem tarefas tidas como femininas. Vejo-os participando do nosso cotidiano e da vida dos filhos. De modo geral, os conceitos mudaram e eles estão se reinventando na relação ao adotarem atitudes que estabelecem maior conexão no jogo do viver.

Assim, sentimo-nos livres para sermos nós mesmas, o que implica, necessariamente, estarmos envolvidas na eloquência das vozes diversas: voz da flor, do tempo, da razão, da emoção, da prosa e da poesia.

Ao nos envolvermos nos escutamos e nossas vidas se sustentam no exercício dos mesmos papéis, sem precisar questionar a confiança e a identificação.

No jogo do viver, no tempo nas transformações, eles se revelam amorosos e atenciosos em relação à família;

deixam claro que as mudanças acontecem por livre e espontânea vontade; opção para conquistar novas posições, como parceiros.

Bom sinal, estamos em processo de mudanças; quanto mais dispostos assumirmos estas constatações, mais valorizamos, admiramos e gostamos do novo cenário, para estabelecermos conexões a partir das necessidades comuns; percebermos o poder em nossas mãos com a finalidade de enriquecer nossas vidas. É através das palavras e gestos que nos envolvemos no jogo do viver, em que Webston Moura retrata, *“assim é a vida – O que existe é uma conversa e, nela, nos entendemos, brigamos, rimos, temos graça e o absurdo são vozes que se cruzam”*.

JOGO de APRENDER

Pedro Du Bois pergunta, “*De que distância somos feitos na desigualdade?*”.

Acredito que, a distância da desigualdade, não se amplia quando há continuidade no processo de expansão pelo conhecimento.

Vivemos em rotina de aprendizagem e, na percepção do espaço, sentimos fascínio pelo novo. O único cuidado ao escolher os desafios e manipular imagens é manter a igualdade para todos sem lamentos e segredos. Caso contrário, o jogo de aprender se torna o quebra cabeça onde vozes se cruzam sem nexos e vazias.

Belo é seguir aprendendo, ousando, sonhando e realizando gestos de igualdade. Inúmeros são os motivos que nos levam a pensar o que é bom para todos e, assim, realizar o voo livre para conquistar espaços de igualdade e crescimento: jogo de aprender em novas emoções, palavras e inquietudes que nos oportunizam repensar os nossos projetos e de sentirmos os olhares acolhedores como instrumentos de transformação.

Jogo de aprender é o que desperta, em cada um de nós, a responsabilidade de não viver pelas recordações, como diz Pedro Du Bois, “*ligados à infância de lamentos / onde segredos são despropósitos...*”.

Ao identificar-nos com diferentes destinos, podemos cuidar da história e manter o mundo na igualdade para podermos resgatar as lembranças.

JOGO da VIDA: “sei do meu tamanho”

para Suzana Einloft

Na feira do livro, reunidos para o cafezinho, a professora Suzana Einloft disse: “sei do meu tamanho”; sua realidade viva. É abrir as cortinas quando reconhecemos o “nosso tamanho” diante das situações. Também, autossuperação ao não espalharmos a fronteira construída de acordo com as nossas possibilidades e potencialidades, dentro do que percebemos. É o melhor que pode acontecer e, também, pode ser o pior, porque é o abrir as cortinas para o mundo, sacudindo a mesmice do momento. Para Getúlio Zauza, “... Tudo depende da consciência e seu alcance; / é preciso ser mais veloz do que a luz / e ser capaz de percebê-lo num relance...”

Chegado o momento em que, para desenvolver o pensamento e atingir os objetivos, precisamos do olhar diferenciado; do desejo de nos revoltar nos momentos em que abrimos a cortina e nos fazemos valer pelo “nosso tamanho”. É o retrato dos momentos em que rompemos com a rotina e nos renovamos, para sermos nós mesmos; nós e a nossa bagagem cultural, que representa o “nosso tamanho”, nem que seja para não passarmos despercebidos até que ressurjamos para atingir novas etapas, como exemplo de permanência. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “... concentro-me olhando a vasta porta; / e à medida que avanço, decido / mais estreita me parece a abertura...”

É momento único o reconhecer o “nosso tamanho” como processo de liberdade de expressão, como base

fundamental da importância de cada um sobre a preocupação literária e cultural, que paira sobre todos que rondam o processo criativo e promovem transcendências para mudar o âmbito das conquistas. Não trato da exatidão dos conteúdos, mas da linha para pensar que na vida “real” não há nada mais forte e mágico do que sermos nós, em nosso tamanho. Lou Albergaria retrata, “... *Sim, você pode dizer / o que percebe / daí o seu mundo de superfícies / q’eu tô tão lá no fundo / de tudo / que até duvido, na verdade / se você aí fora existe...*”

Revela a professora Suzana Einloft a preeminência no “*sei do meu tamanho*” que, ela completa, desperta crescente atenção ao explicar, sinteticamente, quais são seus limites de conhecimento, suas necessidades, inquietudes e anseios em relação à literatura como cultura. Manifesta-se ao revelar o que pensa e sente, para se elevar no nível mais alto e lá permanecer em cada movimento cultural de conhecimentos literários, que encontramos e criamos como símbolos do tempo. Como em Lou Albergaria, “*A grife Hilda Hilst anuncia / camisetas e canecas e / até 3 vezes sem juro! // Entretanto / poesia é só à vista / e / é preciso coragem / pra vestir (em si mesmo) o gato morto.*”

JOGO da MEMÓRIA (I)

Para a memória não existem regras, apenas a lembrança dos bons e maus momentos, que nos tocam como valor sentimental, ponto positivo válido pela experiência. Joaquim Cardozo coloca, “... Pois tudo que é vivido é apenas sabido / E tudo que é sabido é apenas sonhado //... viver é saber, sentir, sonhar...”

O jogo da memória traduz o aprendizado e a lembrança, estimulando reflexões do passado, refletidas no presente, na diversidade das expressões do coração. Jaime Labastida demonstra, “... Do mesmo manancial que o sonho, a memória? Este sonho é mais real... / Merece ser mais real, mais existente...”

Lembro-me da menina de oito anos participando em seu primeiro leilão de artes, à noite, realizando o seu desejo ao dar o lance vencedor na gravura *A Boneca*, de Gustavo Rosa. Naquela noite, forças mágicas e afins fizeram a sua vida entrar no mundo das artes plásticas. Ela, decidida ao interferir, levantando a sua mãozinha, como desafio. Foi belo, assisti-la! O leiloeiro confirmou o seu lance, a sua escolha, dando as três marteladas e gritando: vendido para aquela menina!

Percebi que a sua iniciativa e coragem alcançou a combinação de fatores que a levaram a se determinar por aquela obra específica, como sua verdadeira revelação. Ela, com sua curiosidade, encarou o público presente; escancarou com o seu gesto o entendimento das coisas d’alma e conseguiu o desejado. Com estilo, provou que o gosto pela arte não tem idade, chegando com ritmo ao resultado

esperado, por haver acreditado em sua capacidade de se expressar e se expor. Nas palavras de Pedro Du Bois, “*Na parede a obra / arte na profusão das ideias / e técnica do artista / atesta o passado / iluminando o contexto*”.

O jogo da memória é a doçura que aproxima o passado e o presente através da arte, obrigando-me a ver detalhes na configuração da passagem da menina. Aquela menina cresceu, casou e constituiu família, mas, mantém-se em contato e harmonia com a arte. Repassou para as suas duas filhas o sentimento de admiração pelas obras de arte. Tanto que, cada uma, tem sua gravura de Gustavo Rosa (entre outras obras) e a sensação, tal como a mãe, pelo prazer de ver a vida através das artes.

A memória se faz presente quando a referência evoca a lembrança; aqui, minha referência foi evocada num consultório médico, pelo calendário contendo a reprodução de obras do Gustavo Rosa, sobre a mesa de atendimento do doutor. Revivi, após quarenta anos, que suas obras permanecem conosco, alegrando os dias e nos dando nas cores e formas as lembranças da vida, como jogo de memória. Pedro Du Bois completa, “*O barulho ritmado / do martelo empurra o quadro // Lembramos a alegria da criança / na compra da obra de arte...*”

JOGO da MEMÓRIA (II)

O jogo de memória reside na imagem, aprendido e ideias. Como diz Millor Fernandes, *“Não é que as cicatrizes sejam poucas, e menos valiosas que as de vocês, mas estão todas profundamente enterradas num arquivo que só não é definitivamente morto, porque uma vez ou outra um acidente qualquer, um som, uma palavra, traz à tona alguma dessa dimensão...”*

Memória é estímulo bom e saboroso, que me leva aos detalhes nas artes, como por exemplo, gravuras e quadros antigos evocam minhas lembranças, mesmo que configuradas de forma abstrata e figurativa; reproduzem minhas expressões do coração.

O jogo de memória estimula reflexões, quando questiono o tempo diante de cenas do viver, sobre as obras de arte, como no livro *Tempo e Contratempo*, de Millôr Fernandes, de 1988; curiosamente, ele o escreveu em duas etapas, separadas por 49 anos. A primeira, em 1949, reuniu textos e desenhos de Vão Gôgo; a segunda, dele, Millôr Fernandes; porém ambos são a mesma pessoa. Acontece que Millôr, a pessoa, revistou Vão Gôgo, o personagem, com novo olhar, em textos e desenhos sagazes e políticos.

O jogo de memória me permite participar do cotidiano e definir minhas lembranças ao deixar o olhar construir e completar, por associação, a informação como condição de especulação da vida. Penso que algumas pessoas, mesmo que aceitem o jogo, retiram de suas lembranças o que não traz alegria e prazer à fronteira da criação.

Ao a refrescar a minha memória revelo o poder mágico pela criação, como o que encontro no livro *Impressões de Carybé*, fruto das visitas do autor ao Benin, em 1969 e 1987, pura arte brasileira, mesmo que retrate outro país e que o autor seja argentino de nascimento, mas, radicado na Bahia. Tenho na memória presente como jogo da saudade; que não requer limite de tempo; mostra que o imprevisto pode fazer explodir a lembrança, em alusão a outro estilo de vida: afetiva e imaginativa; indagação contrastante para ativar a lembrança, como permanência na interpretação das criações como o referido jogo.

JOGO da DESIGUALDADE

Na tentativa de retratar os recortes do nepotismo como jogo da desigualdade considero os problemas éticos, que formam o corpo da responsabilidade e me possibilitam, como leitora e cidadã, adquirir familiaridade com o tema recorrente do pensar na busca da relação entre a verdade e a desigualdade.

Desmascaro as imagens em que, com dificuldades, sobrevivo das frustrações e surpresas, pelo medo do futuro em que, quando no nepotismo, somos o retrato inquietante da cena de *peixaria*, a troca em *uma mão lava a outra*, ao se venderem pelo *peixe ofertado*. Aqui, lembro Baltasar Gracián, “*O saber e o valor alternam grandeza... Homem sem luzes, mundo às escuras*”. Nesse sujo jogo, os princípios de liberdade e de justiça não sobrevivem, pois a mentira sempre se adianta e não deixa lugar para a verdade, nem o entendimento é posto a *nu* nas ações pautadas pelo processo utilitário de meios e fins, demonstrando que o nepotismo adquire *realidade própria*.

Minha visão irônica é de uma tragédia que se transforma em horror, visto que o jogo da desigualdade me provoca a típica reação de *rir para não chorar*, onde o nepotismo não é escondido, e eu pago o preço do destemor sem limite. Cabe-me encontrar o caminho para renegar a sua prática: essa troca de insignificâncias. Cada um precisa ter seu código de postura, ético e moral, medidas qualitativas para impedir que ocorra o nepotismo e, com esperança e coragem, denunciá-lo. Traduzo essa amarga visão, que é o nepotismo

rascante e certo da irrecorrível condição humana, no sentido de me manter moral e eticamente sadia, como parte da sociedade. Digo que o fim é conseguir escapar dos danos causados pelo ato, mas o mais difícil é responder se existe esperança sobre seu o fim. Carlo M. Martini diz que “A esperança faz do fim, “um fim”.

Vivo com a indiferença e a inconsistência em relação à prática do nepotismo, porque elas refletem a perspectiva da fictícia liberdade de escolha, em que o jogo da desigualdade muda de figura e sentido, confundindo o desempenho e o mérito com o parentesco, em cruel pesadelo. Percebo que hoje existe a vontade generalizada do povo em não se deixar enganar. O sentido da esperança e o problema da desigualdade podem dar lugar à *mudança* com exemplos que mostrem ao brasileiro haver a possibilidade e a capacidade de se dizer *não* ao nepotismo.

JOGO de AMAR

O coração dos apaixonados gosta de ser surpreendido o tempo todo. Quem ama se sente beneficiado no jogo de amar ao perceber que, no dia a dia, um cuida do outro. Essa continuidade é o jogo que alicerça a relação amorosa. O filósofo Zygmunt Bauman, em *A Arte da Vida*, reflexiona os limites e condições que podem influenciar os projetos de vida.

No jogo de amar revelo me enamorar todos os dias; conversar; fazer planos e rir juntos; passear de mãos dadas. Com estas atitudes me asseguro para a felicidade construída dia após dia. Como se o tempo voltasse em desejos e necessidades amorosos, o que Adolfo Bioy Casares, parceiro querido de Borges, retrata no livro *Histórias de Amor*; com seu estilo diferenciado, o tema “amar” com suave ceticismo e discreto humor.

O amor duradouro concilia as atitudes para o bem estar da relação e a segurança na construção da minha história; por isso, a cumplicidade é jogo de viabilidade e estabilidade no meu relacionamento.

O importante no jogo de amar é cultivar atividades para ter a sensação de satisfação ao reencontrar sua essência. Vivo o amor de forma plena e sei que ele depende do meu comportamento (na tristeza, alegria, doença) para perdurar. O amor não é perfume que esvanece depois de um tempo. Rubem Fonseca demonstra formas de comportamentos, em seu livro *Histórias de Amor*.

No jogo de amar posso ganhar ou perder, porque são naturais as diferentes linhas de pensamentos, atitudes,

discussões e cobranças. No geral, busco o bem-estar, harmonia e parceria, sem culpas. A vida à dois é feita de soma, divisão e multiplicação, como verdades maiores, como encontro no livro *Para Viver um Grande Amor*, de Vinícius de Moraes.

Jogo de amar é exercício de coragem; nele a essência é força para viver no mundo há cobrança apenas pelo sucesso, dinheiro, bens materiais e beleza estética. Às vezes, reencontro a felicidade na lembrança dos sonhos e gestos que escolhi e escolho para o caminho da libertação, como sabedoria na hora de jogar. Zygmunt Bauman questiona, “*O que é felicidade? É possível alcançá-la definitivamente?... O que há de errado com a felicidade?... Sociedade... movida por homens e mulheres em busca da felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes...*”

JOGO de SENTIMENTOS

Ao longo dos anos aprendi quanto é fundamental amar e ser amada; concretizar os sonhos, mesmo que distantes, e acreditar na vida para esculpir a própria vida. Quando penso com o coração, toco a alma e transmito emoção; assim, posso refletir sobre o amor. Hilda Hilst revela, *“... As coisas que procuro / Não têm nome./ A minha fala de amor / Não tem segredo...”*

Ao realizar o sonho revelo ao mundo as expectativas do desejo, da vitória, da desilusão e da alegria como pretensão; com a esperança de descobrir que tudo é jogo de sentimentos. Para Cândido F. Ferreira, *“Nesse jogo de sentimentos / Lutei por todos os momentos / e mesmo assim não consegui, / Por isso, parti...”*

O que me assusta é a inversão de valores, sentimentos e sentidos. De ver o mundo em que a sociedade demonstra sua ignorância como fascinação, a mentira como verdade; a televisão vendendo sonhos no medo como drama e no sorriso falso.

Nesse jogo de sentimentos é difícil gritar “não”; arrancar do peito o desgosto; secar lágrimas quando não conquisto a liberdade e sofro com o segredo. Para Hilda Hilst, *“... Queiram-me assim. / Tenho sorrído apenas. / E o mais certo é sorrir / Quando se tem amor dentro do peito...”*. No entanto, a sede de viver continua no olhar, na memória e na admiração pela possível perfeição da vida, em seu o futuro. Sigo o viver que amplio na imaginação, tomando o rumo da fantasia, felicidade e conhecimento, como jogo de sentimentos.

Escuto o mar, sinto o perfume do amado, a chuva tocar meu corpo e o carinho no beijo, eis que o tempo revela o jogo de sentimentos, feito na mágica do meu viver. Cândido Fernandes Ferreira expõe, “... Porém a vida é tão inconstante / E teima em testar nosso sentimento / E somente o tempo pode nos contar / E quem sabe até nos dar um bom momento”.

JOGO MORTAL

Jogo mortal é o dito pelo não dito: quem diz das razões, medos e sonhos? Da ilusão como mistério? Do embate mortal entre o doce e o amargo misturados, da roda viva parando, do sofrimento sem sentido e da diferença equilibrando os corações?

A manifestação sem meias palavras ultrapassa a barreira do abismo e retorna em essência: “ser ou não ser”, jogo mortal entre frestas mostrando a escuridão e a transparência no pensamento, eis que o homem se transfigura pelas palavras na real compreensão de seu valor.

O não dito se manifesta quando a vontade se expressa no impulso, sem despertar o esquecido e se deixa levar pela intolerância ao mostrar o significado da palavra.

Tudo depende do jogo que se encontra no caminho da intenção, como valor de desejo e na verdade de quem somos. Neste jogo mortal encontro o poeta Roberto Justi, “*A escadaria ascende em três níveis distintos: / um é para tomar o absinto, o outro, minto, / pois a cada andar – ou passagem subterrânea, / não posso precisar tudo o que sinto*”.

JOGO de ARMAR

Desafio o jogo de armar ao resaltar a poesia e a sua construção na arte. No jogo se destaca a inspiração como uma constante, que com formas sobrepostas e montadas, define o estilo do poeta. Nesse sentido, cada poeta é como se deixasse aparente o vão que compõe suas diferentes linguagens e variantes. Como demonstra T.S.Eliot, “... por quem de modo, foi isto concebido? / Pelo sortilégio sussurrado que permite / Trânsito livre aos fantasmas da mente? // Por ti; por aquelas cadências ilusórias / com as quais a métrica do povo se refina; / Pela arte consciente praticada com naturalidade...”

Na diversidade, percebo que os poetas favorecem sobremaneira a liberdade no buscar a luz de suas potencialidades expressivas, que lhes permite transformar e revelar o mistério da espontaneidade ao recriar, no jogo de armar, a inspiração como detalhe e acessório, no refinamento com que equilibram as palavras.

Para Otávio Paz, “A natureza histórica do poema se revela imediatamente pelo fato de ser um texto que alguém escreveu e que alguém lê... Em outra perspectiva, o contrário também é certo. Enquanto escreve, o poeta não sabe como vai ser o poema; só saberá quando o ler, já terminado. O autor é o primeiro leitor do seu poema e com essa leitura tem início uma série de interpretações e recriações. Cada leitura produz um poema diferente... O texto permanece, resiste às mudanças de cada leitura... A leitura nos faz regressar a outro tempo: ao poema... O tempo da leitura é um hoje e um aqui: um hoje que acontece em qualquer momento e um aqui que fica em qualquer

lugar...”; como encontro em Antonio Olinto, no livro *Tempo de Versos*, “Diverso é o tempo do verso, //... Imerse é o tempo do verso / Imerse na palavra indominável //... Alheia a significados //... Adverso é o tempo do verso, //... Verso e universo em ritmo de presságio. / Perverso é o tempo do verso / Na sua aparente entrega //... Do corpo e do pensamento / Cada tempo envolvendo o outro, o outro... / De verso em verso diverso / Em cada novo pasmo / Entusiasmo / Orgasmo”.

O jogo de armar consiste entre significado e significante, inspiração e estilo, palavras e expressões, o que me leva à vontade de mostrar como a poesia desempenha papel importante em nossas vidas, e faz por merecer o destaque, pois, basta citar a palavra “poesia” para ter o sentimento e o sentido da expressão da palavra com ritmo poético. Nas palavras de Otávio Paz, “a poesia nos coloca em sintonia com os ritmos do mundo”; ainda, T. S. Eliot retrata, “... Trazer nas mãos Amor, flores mais brancas / Do que a branca neblina sobre o mar; / Não terás flores tropicais mais vivas / E de alma em fogo para me entregar?”.

JOGO da MENTIRA

“Na mentira / expressa / sua vontade / ou sonho / o outro lado / do desejo / de que tudo pudesse / ser diferente / como feito / com efeito / afeição.” Pedro Du Bois, através do seu poema, mostra-nos como Carlos IX, rei da França, fez valer a sua vontade *“com feito e efeito”*.

Segundo a lenda, o *dia da mentira* surgiu em 1564, quando o rei da França determinou a adoção do calendário gregoriano, passando o ano a ter início em janeiro. Antes o ano novo era comemorado em 1º de abril. Alguns franceses resistiram à mudança ou se esqueceram dela, abrindo caminho para que os brincalhões pregassem peças, como enviar presentes *“esquisitos”* e convites para festas, de mentira, em 1º de abril. A tradição se espalhou pela Europa e foi trazida para o Brasil pelos portugueses.

É uma brincadeira, como bem expressou Mario Quintana: *“Mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer...”* E, Leila Micollis escreveu: *“Naturalmente devemos ter herdado este costume de algum país europeu sério, de política e idioma rígidos. Países para os quais um dia de mentira já é muito, e, assim mesmo, só de brincadeira. Entre nós, porém, em que a brincadeira de mentir é levada a sério, festejar a data como sendo especial, é — convenhamos — o máximo da troça. Está certo que nenhum Dia da Verdade vingaria por aqui: a nação ficaria vazia, com a população viajando em massa neste dia, debandando rápido, como se corresse de um iminente tufão, furacão ou qualquer outra calamidade pública. Daí, porém, a escarnecer do outro, me parece demais”*.

Desde então, comemora-se o *dia da mentira* em 1º de abril, como o dia dos “troles”: alegres e descontraídos, envolvidos com os amigos; em livres pensamentos, os poetas nos dão suas versões sobre a mentira: Henry Louis Mencken, “*Creio que é melhor dizer a verdade do que mentir, sem saber do que ignorar, ser livre do que depender.*” Paul Valéry, “*Mesmo a mentira mais complicada é mais simples que a verdade.*” Renato Russo, “*Mentir para si mesmo é sempre a pior mentira.*” Segundo Auggie Wren, “*enquanto houver uma pessoa que acredite, não existe história que não possa ser verdadeira*”.

JOGO de INTERESSES

Todo jogo de interesses é cruel, quando se trata da concorrência que envolve a sobrevivência. Sei que quem constrói uma sociedade melhor somos nós que a compomos. Aqui, o jogo de interesses é o movimento das palavras que se encontram e se entrecruzam nos pensamentos, dos escritores e poetas, J.W.Solha e Pedro Du Bois. Justamente, poetas que constroem na literatura a função e a capacidade de ler o outro, na aliança irrestrita dos valores e questões afetivas e renovadoras.

Portanto, na literatura, lançamentos de livros se estendem em trabalhos conjuntos, que podem representar o jogo de interesses: valores não são mais discursos, mas, referências de cada poeta, que se refletem em suas escritas.

Poetas conversam entre si e, às vezes, se inspiram com as leituras ao se expandirem na ideia do jogo de interesses. É irresistível assumir a recriação como ideia que vai além, estimulando princípios de interesses comuns.

Neste jogo de interesses desvelo J.W.Solha que, olhando em volta, leu o livro *Tânia*, de Pedro Du Bois e, por conta própria, em exercício da criatividade e de conhecimento literário, com consciência crítica, colocou no papel o desafio dos poemas de Du Bois, ao perceber que deles podia extrair outro poema: “Pedro, Tânia, Acabo de ler a bela série de poemas criada pelo amor entre vocês. Do total de versos grifados me resultou um dos mais altos cantos de um homem a uma mulher: Trazes no corpo / Emoldurado espírito. / Trazes no íntimo a luz / E a chama./ Iluminas e queimas trajetórias:

levas / O incêndio ao clarão da rua. Agitas / O silêncio. / Ao
passado concedes / A tentativa de ser permanência./ Sabes
sair / E chegar: ouvir e escutar / E falar./ Transtornas / A
irrealidade / Em fato consumado./ Sabes./ Sabes discernir o
certo e o escuro./ Determinada em acontecimentos Não
diriges a obra. Deixas que seja / Construída ao sabor / Do
vento / No relento./ Consomes o interesse / E o frio, / És a
improbabilidade / Da ausência, / E o esforço / Desconcerta o
alvoroço / Com que te quero./ O tom te eleva/E o horizonte /
Recoloca palavras / Em tua boca. / Trazes a filha / Que traz as
filhas. / Na totalidade em que te divides / Demonstras o azul e
o verde / O céu e o mar / A água. / És o todo / O pouco / A
parte. / És partida / E a permanência grita teu nome”.

Uma vez que no caminho consegue transformar as
palavras, como agora, fica fácil entender que a diferença e a
empatia do escritor é atitude no perceber as intenções da
convivência, mostrando a importância do conhecimento ao se
preocupar em multiplicar e expandir a literatura como jogo de
interesses na cultura.

JOGO do DESEJO

O jogo do desejo está em nós como causa ou efeito? O fato é que toda a causa tem efeitos positivos e negativos. Todo efeito tem implicações em valores e preconceitos. Jorge Tufic questiona, “*Quantos sinônimos / traduzem a paisagem?*”

Quando a premissa é causa do desejo, deduzimos ser possível modificar o efeito; inventamos os próprios interesses e especulamos influências para determinar o efeito na descoberta e elevar a liberdade como determinação. Num modo individualista demonstramos nossa vontade a ser mantida como verdade. Assim em Jorge Tufic, “*Perdoem se / nada traduzo / nem deixo gravado. / Pois tudo me agarra / e me puxa / evitando esse abismo. // Então me distraio / diante de algumas sobras / que inflam a quietude dos zéfiros, / detonam / meus sapatos de areia*”.

Ao desejarmos demais, podemos confundir e transformar a verdade em promessa, tornando o jogo do desejo em mera ilusão impulsionada pela essência, onde a vontade se torna mais do que a questão de desejar, mas, até mesmo, de ideologia. O que queremos é autêntico, logo, a autenticidade é medida pela nossa escolha, para transformarmos o círculo vicioso em virtuoso. Jorge Tufic retrata, “*Nada tenho de épico / nem de lírico, / A peça que / me coube levar / é o drama de todos. / Em preto e branco*”.

O jogo do desejo é a necessidade de cada um, em seus interesses diferenciados; o que satisfaz quando nos esforçamos através das atitudes de que “amanhã será tudo diferente”. Esta perspectiva nos propõe alternativas para

lembrar a dimensão da responsabilidade, da imaginação e do gesto com o objetivo de distinguirmos o certo do errado. Nas palavras de Tufic, *“Amanheço furtado em / meus sentidos. / Ou será que há pássaros de menos / árvores de menos... // Me orienta a rota das / formigas, / que vão cortando folhas / onde tudo já / estava escrito”*.

As possibilidades em manipularmos desejos em potencialidades são inúmeras e, ao concretizá-las, criamos novos desejos e seguimos na esperança de fazer a diferença entre os dias, aquietar as nossas mentes ao alcançar o desejado; o que nos torna reféns em nós mesmos que, por acaso, em jogos sentimentais e essenciais para o nosso cotidiano. Encontro em Leonardo Munk, *A Instrumentalização do Desejo*, como reflexão nas artes.

No desejar, guardadas as devidas proporções, jogamos com interesses, prazeres e intenções, enquanto razões principais que nos permitem buscar o respeito, o amor e a arte; contudo, precisamos compartilhar nossos desejos para, na determinação dos períodos de nossa vida, propor-nos a utilizar os sentidos para a realização.

JOGO da ILUSÃO

O Poeta de Meia-Tigela expressa, “*Mal-estar // acho que li um poema estragado*”. Entre memórias e ficção em diferentes escritas - de amor e sexo, homem e mulher, detalhes e o todo, doce e amargo - em jogos diários de ilusão, que podem transformar as histórias em contos românticos, perpassando emoções que nos fazem sonhar esta realidade tão difícil de entender. Como expressa Jorge Tufic, “*meu cotidiano / é um texto / anacrônico: / os nomes de cada / rua, praça / ou avenida, / são nomes de / minha história...*”

O diferencial na realidade é que o jogo de ilusão pode ser recurso poderoso com regras a serem respeitadas; limites como estrutura fundamental para a astúcia, o imprevisto e o sentimento, tendo por propósito o coletivo na vibração da memória e do encontro de culturas em que a chance se movimenta como brincadeira, onde cada um tem que buscar seu próprio caminho. Paciência como repetição e a linguagem como criatividade. João Bandeira retrata, “*a montanha insone / agasalhada de névoa / a lagoa sonha*”.

O extraordinário no jogo de ilusão é que somos capazes de ir além da imaginação; podemos interferir nas histórias de diversas formas, sem sermos rotulados nas circunstâncias impostas pela realidade. Ao contrário, o jogo de ilusão sofre influência do tempo, no realçar a beleza das palavras com seus efeitos colaterais, para sentirmos a sua diferença como bem estar; tal em Juliano Garcia Pessanha, “*Na noite de uma dor que nunca passa, vou até a praça e a velha*

árvore me olha: ela, fincada no lugar, e eu, o animal arisco-do-lugar-nenhum”.

Temos a chance de reconhecer e conhecer o novo ao nos inspirar ao efeito de encantamento ou espanto, que se adapta a nossa rotina e contribui para que acreditemos no nosso potencial de viver o sonho como um jogo de ilusão. Nas palavras de Jorge Tufic, *“Se meu coração é fenício, / minha letra / é o Sol / no talhe das palmeiras”.*

JOGO de CORES (II)

Após mergulhar o pincel na tinta, posso pintar palavras e as intercalar seguidamente em traços de vida, como caminho para revelar as “aquarelas” dos compositores, como na *Aquarela*, de Toquinho: *”Numa folha qualquer / Eu desenho um sol amarelo / E com cinco ou seis retas / É fácil fazer um castelo...”* Esta canção me sincroniza com o tempo, consumando na memória encontrar palavras que se enquadram no jogo das cores como forma de expressão do coração.

Por associação, construo minha lembrança em que as cores fazem parte da vida e me oferecem alternativas para eu pintar o tempo. Cada coisa ao seu tempo; então, escuto *Aquarela Brasileira*, de Martinho da Vila: *“Vejam essa maravilha de cenário: //... Brasil, essas nossas verdes matas, / cachoeiras e cascatas do colorido sutil / E este lindo céu azul de anil / Emoldura em aquarela o meu Brasil”*; tenho em mim visível entusiasmo, pois, vivo neste País entre cores que representam gestos que simbolizam a minha alma e a alegria, que me permitem participar do jogo de cores.

Quero ser feliz e, para conseguir, preciso ouvir o meu tempo através das canções em que busco equilibrar a minha história, especialmente, se as tenho na lembrança sob a influência dos compositores, como Ary Barroso com a sua *Aquarela do Brasil*, *“... Ah! Ouvem essas fontes murmurantes / Aonde eu mato a minha sede / E aonde a lua vem brincar / Ah, este Brasil / lindo e trigueiro / É o meu Brasil, brasileiro...”*.

Aquarelas são letras que provocam aproximação entre os fatos, que me trazem alusões nas relações afetivas e no imaginar tempos sem limites. Lembro-me dessas composições para dar sentido à minha interpretação, como sentimento que expresse o viver do meu ideal, no diferenciar a originalidade para atender a uma só finalidade: “... a tela do Brasil em forma de aquarela...”

JOGADAS de SOBREVIVÊNCIA

*“Perto do ouvido / sussurrar verdades / imitar o ouvinte / mentir
verdades // na vida a revisão das jogadas ingênuas / de
sobrevivência: ao ouvido / o discurso o desacerto /
não permitindo a esperança”
(Pedro Du Bois)*

O título não deixa dúvidas; sobre quando vivenciamos jogadas de sobrevivência como descobertas para verificarmos os diferentes significados da verdade, conforme as ambições profissionais. Pedro Du Bois, no seu poema à epígrafe, mostra um dos efeitos colaterais: a desesperança em uma vida sem mentiras.

Quando presenciamos tais “desacertos” ocorre verdadeira sensação de mal estar. A mente começa agir e as respostas nos empurram para as jogadas da sobrevivência. São reações fortes que, às vezes, se dão de maneira inversa: agimos antes de pensar. Frei Beto declara que *“os valores têm que ser construídos na temporalidade”*.

Com o tempo, aprendemos a raciocinar para acumular vivências, para permanecer nas jogadas diárias e, assim, gerarmos expectativas de uma vida em busca de diferentes matizes: *“aprendemos que o coração quebrado tem concerto”*, mas a realidade da vida é poderosa e perturbadora; então, devemos deixar de ser ingênuos sobre os significados e as intenções emitidas. Como diz Elimar P. do

Nascimento, *“Utopia de fé. Em que poucos ainda acreditam, embora muitos sintam necessidade de acreditar”*.

Nem por isso deixamos de perceber que os tempos são outros. A convivência diária com os “noticiários” gera dúvidas. Precisamos da certeza para decidir o futuro. Também, sei que não adianta fazer dramalhão de miudezas, nem abandonar a nossa intensidade em sermos pertinentes para com os assuntos. Estarmos frente à vida defendendo a nossa posição de cidadãos é sermos convictos com nós mesmos.

Jogadas de sobrevivência mostram a raiz da distorção, que reside no fato de revelar a mentira como verdade que, além do mais, acabam sendo extrapoladas nas demonstrações de poder.

Para nos manter nas jogadas devemos ter comportamento reconhecido pela nossa responsabilidade e senso de justiça, para podermos inovar através do saber; tipo de relação que nos torna mais humanizados para, quem sabe, podermos chegar à igualdade de condições, através da democratização social, sem a necessidade de jogadas de sobrevivência.

**Entre
PALAVRAS**

**“Não convidei você / para ficar em
silêncio / comigo // Mas você
ficou. / Seu rosto escondido/ atrás
do jornal. // Tristes notícias.”**

(ANA MARIA LOPES)

***“Peças soltas
saltam sobre as casas
do tabuleiro***

indefesas

***manipuladas
jogadas
transmitem
a mão de quem
as coloca***

aqui e ali

***o tabuleiro
tem seu jogo próprio
prendendo peças***

***como eu diariamente
em todas as buscas”***

(Pedro Du Bois)

A LINGUAGEM da DIFERENÇA

A linguagem da diferença é aquela em que apontamos o que nos impressiona e nos espanta. A diferença se faz e refaz, cada vez, que a novidade é acrescentada em nossa vida, quando fragmentos de inspirações se pronunciam no cotidiano; acréscimo de grandeza no verso e reverso das palavras entre caminhos; jogo entre palavras no encontro das vozes em atitudes distintas, que completam diferentes olhares ao revelar na literatura a arte e o tempo, para despertar a nossa atenção pela construção dos textos no conhecimento e na criação. Por exemplo, sentimos a maresia e o vento aprisionar a imagem nas palavras e, nos entre caminhos o reverso da criação e visão, fosse jogo a espalhar a leveza do tempo.

Momentos que transcendem o pensamento, paisagens e vivências, em que caminhos se cruzam e transformam o inesperado em jogo diário. Nas diferenças reencontramos formas trabalhadas em linguagens maiores e menores, expressões atrativas no verso e reverso das palavras, ao buscarmos inovações para desvelar as entrelinhas e entrecruzar o caminho da liberdade na conexão com a realidade poética entre palavras.

No ir e vir das expressões consentimos com o despertar da consciência no real movimento das palavras, em que autores constroem o contar e o recontar de suas versões, que vivenciamos. As histórias são semelhantes em seus

começos, mas, cada autor/leitor tem seu próprio olhar e modo de descrever a linguagem da diferença.

Quantas vezes as palavras nos surpreendem fossem o céu aberto? Quantas vezes a arte e a linguagem alteram e mudam o nosso tempo, quando as percebemos em nossas vidas?

A linguagem da diferença é tecida, para criar o momento mágico, como pano de fundo da nossa realidade.

O LADO de LÁ...

*“... Somos o infinito / de vez em quando revelado /
nesses rasgos / da alma / nessas agonias / quando o espírito
espreita / do lado de lá / e já / não lhe basta mais o dia /
a monotonia / do seu estado atual. // Quer navegar!”.*

(Júlio Perez)

Na cidade o mar está do lado de lá. No rio a ponte está do lado de lá. No caminho há desenhos geométricos que me levam para o lado de lá. Na floresta o espaço infinito do mundo é do lado de lá das coisas. Carlos Job diz, *“... Esta terra encantada, também sofreu seu revés. Os sábios, ainda hoje, discutem de quem é a culpa. Se dos moradores do além da floresta ou dos do lado de cá...”* Na escultura o lado do sonho é o lado de lá. No quarto, pelo buraco na parede, entra o sol do lado de lá e mostra o seu reflexo. Na imagem do homem o mundo está do lado de lá. No céu azul aparece a garça branca do lado de lá e, no lado de cá, *Uma Garça no Asfalto*, de Cláudio Arcanjo. A grade não prende, porque há espaço do lado de lá. Meu pensamento passa do lado de lá como se fosse objeto do mundo, que empilha vazios como empilha nuvens do lado de cá.

Será que existe diferença no lado de lá entre ver e olhar?

O lado de lá fica marcado por que desemboca num só lugar – na imaginação. E, quando somos as descobertas, chegam iniciativas em diversos ângulos do fim da ilusão e da libertação; o reconhecimento das prioridades e os dilemas na administração do tempo. Vejo o lado controverso que envolve

culpas e vitórias. Também, articulo interesses contraditórios: o lado de lá e o lado de cá como fronteiras entre o setor pessoal e profissional. Adiciono isso ao fato de que a vida é dinâmica e me considero apta para desejos e limites. Mas, só com o (auto)conhecimento é que compreendo o lado de lá... Como demonstra Helena Rotta de Camargo, *“Canto e gemido; sorriso e lágrima; dinamismo e apatia; aconchego e solidão: eis a cara da realidade”*.

O palco da vida apresenta dois lados: o da desigualdade e o lado de lá, o das mulheres e o lado de lá, o futebol e o lado de lá. Eu assisto sempre do lado de lá... Como se seguisse o caminho natural para descobrir que é possível determinar a minha necessidade e a paz para melhor viver. O fato é que na vida encontro o outro lado. É como inspirar e expirar nas reações do corpo.

O lado de lá existe, mas, exige concentração para a vista alcançar o outro lado e investir nos sonhos. Ainda em Helena Rotta de Camargo, *“Da outra margem do tempo, a velhice observa a correnteza, que vai levando, de roldão, as últimas gotas da juventude que se exauriu”*.

SIMPLES E COMPLEXO

Pode algo, ao mesmo tempo, ser simples e complexo? O paradoxo, simples e complexo, pela lógica não pode acontecer ao mesmo tempo. É interessante, pois, algo que é simples para alguns, pode ser complexo para outros. Através da motivação podemos descobrir o que é simples e complexo para nós.

Em termos de inspiração, na ação, sentimo-nos sós ao avaliar a nossa força. Somos diferentes e temos vidas sobre pilares diferenciados; cada qual segue seus interesses e objetivos. Pouco a pouco descobrimos maneiras para avaliar se algo é simples ou complexo.

A simplicidade contempla aspectos estabelecidos pela cultura. A complexidade, ao contrário, se apresenta através de meios aparentemente simples, porém complicados.

A questão maior, então, é o trabalho versus a vida. Esta mescla faz com que acreditemos que podemos tratar de tudo, até dos assuntos mais complexos, já que misturamos vida pessoal com profissional.

Hermeto Paschoal com sua criatividade inova e revoluciona na a obtenção sons inusitados. Em suas descobertas, manipula e improvisa objetos diferentes e incomuns, com os quais obtém efeitos sonoros especialíssimos.

É simples ou complexo manter os valores ao tornar conscientes os nossos atos? Sim, mesmo que, por vezes, gerem as mais diversas opiniões, desde que mantivermos a essência da nossa inspiração. Realmente, ao dar o nosso

melhor, temos a chance de nos tornar simples, na aceitação do fato de sermos diferentes. Até porque os caminhos trilhados são diferentes, por existirem novos e revolucionários “modelos” para atingir o que desejamos.

Ao mostrar o trabalho e as ideias, colocamo-nos na “vitrine”, onde os resultados são compartilhados com pessoas de diversas opiniões, trajetórias e crenças. Então, necessariamente, o simples pode ser complexo e vice versa. Mas, algo de cada vez e não ao mesmo tempo.

O Poeta Manuel de Barros é considerado o poeta das pequenas grandes coisas. A característica marcante da sua obra é explorar o pequeno e insignificante, matéria prima para engrandecer o cotidiano. O que é complexo para nós, para Manuel é simples.

O foco é irmos ao encontro do que faz sentido para nós, o que queremos; desta forma estaremos simplificando o caminho da escolha e da realização.

O artista plástico Washington Santana, recolhe no lixo o material para a sua arte. Cria com objetos recolhidos no lixo. É conhecido pela crítica como o *Gari da Arte*. O que é simples para Santana, para nós é complexo.

Para fins de curiosidade, da qual não podemos fugir: é na condição da vida simples que pensamos a complexidade do cotidiano. Nas palavras de Adélia Prado, “... *Porque sempre há quem diga / no meio da minha alegria: / “põe o agasalho” / “tens coragem?” / “por que não vais de óculos?” ...*”.

Somos uma sociedade que retrata a simplicidade e a complexidade como coragem, desenvolvimento e determinação e, em cada combinação, alteramos a

interpretação através dos sentidos e sentimentos distribuídos pelas páginas de nossas vidas.

MULHER... as LEMBRANÇAS

Lembro-me de Maria de Lourdes Cardoso Mallmann, quem, com força criativa, refletiu a confiança em nós mulheres com conceitos de beleza, autoestima, dinamismo e sentimentos. Ela é representante da arte literária, onde, com sensibilidade ensinou a dar brilho à vida, deixando como marca a alegria de viver. Seu recado para todos foi *“penso que todo o livro deixa uma lembrança boa e acrescenta algo na pessoa que o lê.”*

Muitas vezes percebemos que a lembrança está em nós e, não por acaso, encontro a sua mensagem de que *“A vida é uma dádiva divina e vivê-la com alegria e aceitação é a maneira mais certa de retribuição.”*. Esta mensagem traz coragem e respeito, benefícios e palavras inspiradoras para enfrentar qualquer tipo de mudança.

Vejo estampada a lembrança de Mariazinha, como carinhosamente era conhecida, na mulher, amiga, professora, cronista, contista, romancista, articulista e poeta que dedicou sua vida a arte de escrever e ler; bem como a esposa, mãe, avó e bisavó, sempre rodeada pela sua família.

Minha vontade é transformar as lembranças da escritora Maria de Lourdes em memória, onde possamos nos identificar com o coração, propondo-nos a entender que cada movimento dela foi caminho para as palavras, trazendo o sonho como realidade, como registrou, *“A mais profunda paixão sempre foram os livros e a escrita. Minha maior surpresa era descobrir a cada dia novas possibilidades de ser feliz.”*

Há momentos em que podemos nos permitir um mínimo de exclusividade, para alimentar as nossas vidas, sem perder a essência de nossa missão como defensores da cultura e ainda desfrutar o que há de melhor, para vivermos bem, como na poesia de Maria de Lourdes onde, “*As lágrimas dos meus olhos / Pelas faces a rolar / São lembranças, são saudades / Do que nunca vai voltar//... As lágrimas que brilham / Sem correr e sem rolar / São emoções não contidas / Que me fazem recordar //... Lágrimas benditas lágrimas / Que escorrem sem marcar / Mostram fragilidade / E capacidade de amar!*”

Admito não ser fácil driblar a saudade, acredito que podemos nos reconhecer no compromisso para com o idealismo, sem perder de vista as histórias que lembram a *Mulher escritora em verso e prosa*, porque nela vejo a harmonia necessária para ampliar a nossa força interior; porque tinha algo a mais na maneira de olhar e fazer as coisas; colocava graça e emoção no que realizava. Era firme, agia com o coração. Foi resultado do contato com a realidade e os sonhos e nos deixou com o fundamental, as lembranças. Aplaudo *Mariazinha*, e escrevo, parafraseando *Mario Quintana*, que ela nasceu para ser amada.

BANDIDA MALDADE

Para Maite Larrauri, *“Tanta banalidade e tantos lugares – comuns sem qualquer importância evidenciam uma grande ausência de autenticidade... é apenas um ser humano pequeno e medíocre”*.

O que leva a pessoa a praticar a maldade? Por que ela parece ser incapaz de distinguir entre o bem e o mal? Questionar a origem do mal induz a pensar nas atitudes humanas como conjunto de significados: gestos e palavras que expressam a vontade de cada um, como encontro no livro de Mia Couto, *Cada Homem É Uma Raça*: prosa poética que encanta pela sensibilidade descrita, a exuberância da paisagem e a linguagem que dá origem aos mistérios.

Sem dúvida, está disponível o instrumento “simbólico” para praticarmos, em algum momento da vida, o mal e o bem. No entanto, quando pensamos não carregamos a verdade, mas a liberdade de escolhermos entre a ação e a influência de outros. Segundo Hannah Arendt, *“Pensar e agir são duas coisas completamente diferentes, mas podem ser encontradas juntas em algumas ocasiões”*. Isso significa que, emitimos e julgamos a validade das palavras e ações, quando há algo para decidir. Muitas vezes, o pensamento é demolidor, por desfazermos os valores sem qualquer crédito; sem a fonte e o conhecimento; assim, destruímos sem refletir.

Dessa maneira, tornamos perigoso o porquê caminhamos para a contemplação do mal; por consequência, viveríamos nas sombras e sem memória, o que nos levaria a tempos escuros; como em Eduardo Barbossa, *“Quão miserável*

posso ser? / Em que gueto posso me esconder? / Se meu pai não me deu valor: quem dará? / Se minha esposa não me ouve: quem ouvirá? // De tantas palavras vagas e atos falhos / me fiz homem. // Por omissão e alienação / meus dias somem”.

No mundo dos sentidos, quando temos consciência dos atos, resolvemos questões rotineiras com lógica; quanto mais pensamos menos erros cometemos. Agora, cuidado, porque se não tivermos tal consciência, não nos importaremos em conviver e praticar a maldade. Alain Bosquet descreve, “... Sinto-me humilde: / o meu universo não é mais belo / do que um poema perdido”.

Neste mundo da diversidade, parece que o mal é praticado e premiado ao ser ampliado pela opinião pública, por exemplo, um político, quanto mais corrupto, mais votado! Essa é uma das banalidades do mal, onde o confronto de opiniões plurais nos leva a entender “a razão do abismo” e das aparências como pura ilusão e falsidade. Mia Couto reflete, “Tenho duas pernas, uma de santo, outra de diabo. Como posso seguir um só caminho?”

Se em algum momento a maldade for aplicada ou utilizada como padrão e verdade estaremos perdidos; acabará a ética e, junto, a reflexão sobre a ação do homem em relação à vida.

Hannah Arendt, que criou conceitos para a filosofia política – como a banalidade do mal – constatou que grandes atrocidades são cometidas por pessoas normais que, apenas, não se preocupam em questionar as regras a que, em determinadas situações, estão submetidos. Nas palavras de Pedro Du Bois, “A você dado o direito de desconfiar / das flores coloridas. / Nos muros altos é permitido colocar cacos de vidros:

/ fazer sofrer em angústias e insônias. //... O direito de privilegiar / o supérfluo e esquecer entre páginas a razão. / Irracional, o direito concedido abomina / a aventura de ser a pessoa em busca / da irrealidade”.

FLORES sem MISTÉRIO

Como te chamas pequena flor? Rosa, hortências, camélia? És simples e leve. Invades o jardim por onde passo. Floresces e te aprumas em noites de lua cheia. Muito me agrada a tua companhia, porque cores minha paisagem. Quer que te chames de violeta? Segundo Manoel de Barros, *“Não sei de que cor é a cor do amaranto. / Mas pelo “amar” e pelo “canto” fica bem esse / amaranto aí (melhor do que se eu usasse / perpétua, que é o outro nome que se põe a essa flor). Amaranto murmura melhor”*.

Gosto da tua presença ao sentir teu silêncio formoso, quando te avisto imersa em flagrantes perfumes. Sobre teu corpo, gotas de orvalho e tua imagem reflete a luz do meu dia. No caminho do meu jardim floresces, onde o vento gelado apaga o teu corpo.

Rodeada de flores sem mistérios, ouço palavras na voz do dia, que me consolam da memória refletida pelas horas do meu tempo, que ignoro, no silêncio das verdades. Nas palavras de Pedro Du Bois, *“No miosótis a humildade do tempo em flor / a singeleza da corola / a simplicidade da pétala / a sinceridade da cor / a honestidade do nome / a pequena haste // não há aspereza / ou tristeza / e a solidão desabita / sua volta como ninhos / completados em vidas...”*

Vejo a flor na chama do dia, como desejo de uma terra sem fronteiras, onde crescem girassóis. Como diz Manoel de Barros, *“Os girassóis tem o dom de auroras”*. Então, divago entre a memória e a lembrança do rosto que nunca esqueci;

do espelho quebrado; do sonho desfeito; dos laços rompidos
e das vozes que cantam: quem encontrará a flor sem mistério?

Entre as flores revelo a cor do segredo em sombras,
como visão que se renova no meu ser; na flor sem mistério.

OLHAR para TRÁS

Vivo provisoriamente em qualquer momento; sinto-me incompatível com o tempo ao me apresentar nesta vida “moderna”. Vejo pessoas amarguradas, com poucas ideias e, sempre, olhando para trás; iludidas em sentimentos nas ações “corridas” do cotidiano; sem tempo para ler, ouvir e se divertir. Elas não têm ideia do que representam para nós: são essenciais em seus alumbramentos.

A mim impressiona que aceitem suas amarguras como destino e verdade, sem estruturar a ordem de não olhar para trás. Para Pedro Du Bois, “... *O mundo em melhores horas / supera o desgosto nas flores colhidas...*”

Sei que elas poderiam ter sido o que não foram. Agora, a idade chega para viverem outra vida ao sentirem suas descobertas e esquecerem as insatisfações, revoltas e angústias; ao mesmo tempo, darem significado à suas escolhas e construções.

Manuel Bandeira fez “*versos como quem morre*” e, Pedro Dantas, replicou, que se ele tivesse dito, “*eu faço versos como quem vive*”, teria sido a mesma coisa. O que vale é a concepção ao traduzir de todas as formas a vida. Juca Chaves canta que “*ser jovem é saber envelhecer*”; este é o ponto para não olhar para trás com pesar; sim, como momentos felizes onde cumprimos as promessas e colocamos em prática princípios sem nenhuma distinção entre o antes e o moderno, apenas brincando pela vida. A relação das coisas em si, na compreensão e beleza da palavra que se completam e

acentuam a ascendência de uma sobre a outra, como aceitação da vida moderna.

Olhar para trás é apenas reflexo, forma para sermos capazes de conquistar e sermos conquistados num mundo onde precisamos escrever, pintar, cantar; formulando o que não se repete, mas, palavras, notas e gestos com que damos continuidade no reforçar a harmonia da vida.

PRÓ(S) & CONTRA(S)

Palavras são tecidas com eloquência, fosse o único canto a provocar transformações nas coisas e em seus deslizos e, ainda, na modificação do homem visto na banalidade que o rodeia; como em Joaquim Cardozo, “... Não sei se és tu, se eras outra, / Não sei se és esta ou aquela, / A que não quis nem me querer...”.

Pró: a ascensão feminina faz o homem participar das lides caseiras.

Contra: a sociedade atual é conduzida pelo consumo.

Pró: o horizonte está mais unissex.

Contra: a aparência para sobreviver no trabalho: cabelos brancos, não!

Pró: convidar alguém para ir ao cinema.

Contra: temer a conquista da independência.

Pró: lavar a louça depois da festa.

Contra: quebrar as taças de estimação.

Pró: buscar afetividade e lealdade no relacionamento.

Contra: repetir o discurso *retrô*: “homem é assim mesmo!”

Pró: saborear sonhos recheados de creme.

Contra: assistir TV, na sexta feira a noite, como opção.

Pró: desafiar para amar e ser amada.

Contra: não dançar.

Pró: Pai, um palpar nos gestos.

Contra: meias brancas com sapatos marrons.

Pró: arriscar para viver e, por vezes, sobreviver.

Contra: sobreviver em doces incertezas.

Pró: características surgem com o tempo de convivência.

Contra: não pensar que “quando casar sara”; nada muda, refina.

Pró: alçar voos maiores que os de hoje.

Contra: deixar no piloto automático.

Pró: descobrir vontades e cores.

Contra: prestar atenção na vida alheia.

Pró: correr nas planícies.

Contra: o tempo passa rápido.

Nas palavras de Joaquim Cardozo:

pró: “*Para onde vão as pessoas?*” /

contra: “*Ora bolas! Vão... para o cemitério!*”.

CONSTRANGER & ser CONSTRANGIDO

*“Constrangemo-nos porque podemos fazer literatura
em qualquer lugar e não fazemos”
(Pedro Du Bois)*

Sempre nos preocupamos em não constranger, nem ser constrangido, o que vale para aprendermos e compreendermos a vida sem sermos percebido. Aprendemos com o erro, isto nos constrange? Ter dúvidas é constrangedor? Carregar o livro erótico de Carlos Higgie constrange as pessoas que olham, e não quem o escolheu, por quê? Nas palavras de Mafra Carbonieri, “Não há escritor maldito. /Há escritores inéditos. // Há censores sucumbidos. //... Não há palavras obscenas. /Há emoções que sangram. / [Apenas].” Ser feliz, amar, rir em alto tom, ainda seria considerado gesto de constrangimento?

Constranger e ser constrangido são sentimentos desgostosos em algo que, talvez, poderia ser desfrutado com a certeza do dever cumprido. Pois, para não sentir o constrangimento é necessário revelar o que pensamos sobre o assunto abordado. Hora complicada; por mais que cuidemos ao dizer, o tônus da personalidade tem o temperamento, o “gostar” que vai se confinando na revelação. Porém, há determinada hora que constrange o ouvinte e, aí sim, se configura um problema. O que fazer?

Somos temperamentos convergentes em nossos estilos de vida. Logo, todos se constroem de alguma maneira ou com algo. Não é engraçado o aborrecimento causado pelas preocupações que, até então, queiramos ou não, certas coisas vão se apresentando em nosso dia a dia. Por mais que sejamos corretos, a vida é feita de paciência e de aceitação ante os fatos que nos rodeiam. Em Pedro Du Bois, *“... a visão abarca a transparência/entre os caminhos: o andar lento / das inconseqüências, as incertezas /demonstradas em nossos olhares...”*

Pensamos atribuir ao constrangimento a palavra dura; o deteriorar; a inquietação que presenciamos e não sabemos como reagir ao olhar; o gesto; um cheiro; uma palavra; qualquer movimento que constranja não como angústia, mas como escolha e definição.

Sabemos sermos de natureza iluminada e possuímos a força que nos consola e ampara nas horas constrangedoras. Por isso, a pulsação que nos torna mais fortes quando nos deparamos com a verdade ou a mentira; com a crítica e com o tempo que nos torna sensíveis.

Na medida em que precisamos uns dos outros, clamamos pela necessidade de viver a troca de experiências. Na vida, cada qual enfrenta o seu constrangimento, mas mantém a empolgação de vender ilusões. Como retrata Getúlio Zauza, *“as ilusões que poderiam ser minhas /Já nasceram mortas quando nasci / Tive que viver a realidade nua / Não tenho queixa, só gratidão / Pelos percalços encontrados no caminho...”*

MUNDO em RUÍNAS?

Na reunião com escritores - cafezinho vai, papo vem - alguém pergunta: para quem escrevemos? Para nós?!? Ninguém nos lê! Não vendemos os livros e, assim mesmo, ainda trocamos ideias e continuamos produzindo novos textos. Não nos esquecemos dos autores que nos influenciaram; autores de tempos passados. Nós, aqui e agora, falamos da literatura como cultura; ouvimos entre nós novidades sobre o próximo livro. O problema é que somos sempre nós, nós e nós. E os outros, continuam ou não a ler? A quantos de nós nos referimos? De quantos desejos, razões e desrazões estamos cercados?

Sentimos *na pele* que a literatura como cultura está ligada ao mundo em ruínas. Bem sabemos o quanto é difícil vender livros, como escreveu Mia Couto: *“Publicar poesia é ir contra a corrente, porque os livros tem que ser mercadorias – no ponto de vista dos editores”*.

De outro lado, contactamos que, nunca se leu tanto como hoje, através da internet. É ponto positivo, porém os livros físicos continuam na prateleira da “fantasia”, por terem sido banidos do mundo dito da razão e do desejo cultural.

Digo serem apenas incertezas, talvez, incontornáveis situações que se desdobram na realidade do mundo literário, como o avesso à razão. A resistência ao ato de adquirir/comprar livros literários; por exemplo, *“Murilo Mendes, um dos grandes poetas modernistas, foi o mais maltratado pelo mercado. Praticamente inexisteram reedições de seus livros”*.

A essência da obra se concentra no mundo da sensibilidade, com os olhos voltados para as emoções e os fatos, que para Paulo Monteiro, “*Quem lê, vê o invisível aos olhos dos medíocres*”.

Hoje, vejo as pessoas desprovidas de alma e pouco suscetíveis ao universo das artes, o que pode se propagar para um mundo em ruínas: sem cultura, sem imaginação, sem curiosidade de conhecer as artes, como meio e forma de reencontro com a cultura, impossibilitando o acesso à construção intelectual como força de trabalho (diário) do homem; mesmo que encontremos, em Umberto Eco, que “*Não se pode dizer que algumas belas páginas podem, sozinhas, mudar o mundo*”.

HARMONIZAR o VIVER

Vivo pelo encantamento e diversidade expressada pelas pessoas que fazem *mágicas* para mostrar seus interiores; demonstram seus *eu* na busca de incentivos que harmonizem suas vidas. Lindolf Bell reflete, “*A vida me delega tarefas / e me dá medos / E desconfiança / destes merecimentos*”.

Questiono quantas seriam as horas agradáveis que nos fazem relaxar? Relaxar é essencial para nos manter ritmados com a labuta, sem contar que nos ajuda a lidar com o momento presente da *correria diária*.

Gosto de pensar na sensação do bem estar que, no fundo, é viver o momento especial e perfeito. Mas, é preciso recriar a vida com interesse no que melhor foi feito no passado. Experimentar coisas e situações diferentes; dar valor ao que realmente importa. Nas palavras de Lindolf Bell, “... *de saber / apenas sei / de quantas palavras / se faz a canoa de afetos. / Embora caminhe torto / por sonhos retos...*”

Quem um dia ao acordar não planejou mudar de vida? Essa pausa para a reflexão nos leva a reconhecer a ação da reação, como: por que não criticar ou discutir com quem está certo, mas com menos cobrança? Tendemos a julgar o outro, quando não aceitamos *tal* comportamento. Seria o que não aceitamos em nós mesmos? Zeca Baleiro declarou, “*ninguém é isento à crítica... Mas tem gente que se coloca em lugar de juiz da música brasileira*”.

Na vida todos têm uma história para contar, porque sentem a necessidade de harmonizar o viver e de compartilhar sentimentos com as pessoas. O detalhe é que pensamos e

agimos dentro da nossa verdade, por ser da nossa natureza os relacionamentos, para não ficarmos presos ao passado que não podemos modificar. Mas, ao conhecê-lo podemos mudar e melhorar o futuro e, assim, nos abrir em nova mentalidade, capaz de aceitar o diferente, para depois, com certeza, harmonizar o viver. Como em Lindolf Bell, “... Pois menos que o meu sonho não posso ser”.

Harmonizar o viver é reforçar o ponto de vista; mesmo julgando as ideias ultrapassadas, podemos aceitar a opinião alheia sem mexer com a nossa integridade. Recorro ao amor e à paciência para alcançar as transformações interiores e suportar conviver com o caos externo – preocupação constante – e, ainda assim, chegar a um significativo relaxar para vencer os medos, as angústias e perseguir os desejos. Segundo Bell, “Se não for sonho / não vale a pena viver / Pois de sonho em sonho / aprende-se a ser...”

Tenho consciência das minhas ações e isto me torna única e me faz especial aos olhos da vida, pois, é meu caminho para a mudança. Nem sempre é fácil, mas podemos em cada sorriso encontrar a harmonia do viver.

VERDADES & MENTIRAS

*“De quantas verdades se faz uma mentira?”
(José E. Agualusa)*

*“Mentiu o compromisso / de trazer a luz da manhã /
presente no movimento / e no descompromisso / em que a
natureza / produz seus fatos... não mentiu o sonho / de
transfiguração do corpo / e nele a luz / permanece constante”.
(Pedro Du Bois)*

Pedro Du Bois é escritor reconhecido pela sua inventividade. O seu livro, *Verdades e Mentiras*, é baseado nas facetas da falsidade, onde revela a sinceridade e a insinceridade, desencadeando um jogo onde a mentira mostra que a situação se torna grave se a máscara sobre o rosto for encoberta de recordações vividas – *“... mente para si / ao acaso do encontro / acasalado casal / acometido do sexo / limpo e fora de casa esclarece / seus desejos e como gostaria / de encontrar a amante / sobre a cama.”*

Nesse jogo de mostra e esconde, finge dizer a verdade, mostrando algo para esconder outras coisas, refere-se ao ato de produzir uma falsa aparência e esconde os mistérios dos mascarados sem máscaras.

Nada além de literatura, uma construção baseada no discurso e através do que inventa provas de existência, como: o bem e o mal; a complexidade da verdade e da mentira.

Roberto Pompeu Toledo, pergunta: “*Que é a verdade? Que é a mentira? A mentira é um discurso que começa invocando a verdade a sustentar-se numa mentira*”.

Gosto do jogo proposto por Pedro porque é a revelação de um modo ilusionista. Onde o encoberto, perdido em dúvidas e obscuridades, tem um lado visível e o outro imobilizado pela ilegitimidade, e os iluminados cunham a ilusão e a impostura com mitos e contrários sentidos. Como acreditam os autores de Martins ao Cubo, “*O poeta não mente só diz o que sente.*” Noel Rosa já cantava: “*Prá que mentir / se tu ainda não tens / esse dom / de saber iludir?/ Prá que?*”. E encontro em Vinícius de Moraes: “*...Amar sem mentir / nem sofrer / existiria a verdade / verdade que ninguém vê*”.

ENCORTINAR, NÃO!

Não tapo o Sol com a peneira. Não cubro os estragos. Não tenho sorriso “*amarelo*”. Não faço comentários nas entrelinhas. Estas são palavras que descrevem os encontros. O que guardo no que cito, pois, me soa tal o alvoroço, que nem sempre demonstra a originalidade das pessoas, mas, apenas a oposição entre uma e outra ocasião.

No caminho para casa, compartilho esta união de assuntos como momentos de preocupação em relação às atitudes dos amigos. Parece-me que estão sempre tentando encortinar seus desempenhos diários. O que atestam pelos falsos elogios e cortinas de fumaça que usam ao se revelarem no mínimo possível dos significados.

Apesar de a cortina ser véu transparente, usam para tapar os sóis que não brilham em suas vidas; forma com que sinto suas ausências, mas, não canso de repetir que o sonho permanece mesmo na idade avançada. A vida sofre alterações e, pouco a pouco, descortino o dia a dia ao acreditar no gesto e nas diferenças.

Em outro retrato, verifico que eles têm fascinação pelos extremos em suas diversidades de opiniões, como se retratassem os sons. Para completar, poucos escutam músicas; não há neles nem para recuperar a força que brota da certeza de que a amizade deixa ensinamentos e reflexões em ecos cativantes, porque temos necessidade um do outro.

Vejo a realidade no limite das cortinas. Deve ser porque as permitimos conter não só a emoção, mas, também o pensamento.

Cito Murilo dos Santos, engraxate que se tornou especial pela sua capacidade de ouvir e contar as histórias dos clientes, que o escritor Doug Stumpf transformou no livro, “Confissões de um Engraxate de Wall Street”, traduzido para o português, russo, chinês e coreano.

Dizia Mallarmé que a força da palavra inventa uma realidade. O fazer uso das cortinas servem para disfarçar a vida e encobrir as cenas do cotidiano?

Na minha visão, todos continuam e prestam atenção no viver e no todo que se fixa e que tenha em si a concretude da existência. Preciso chamar a atenção para entendermos que é natural e justo conversarmos; aproveitarmos os encontros para nos embalarmos no mundo ao abrirmos as cortinas para o palco da vida.

GOTA a GOTA

“Meu nome é Gota e meu sobrenome é Água.
Nome completo Gota d’Água”.
(Alberto Goldin)

Quem consegue ouvir a torneira pingando na pia, sucessivamente? Por muito tempo não tive resposta óbvia para essa pergunta, que seria: consertar a torneira gota a gota. Foi um erro clássico cometido por mim; as pessoas não ouvem a água pingar na pia a todo instante e nem percebem o barulho repetitivo e sucessivamente chato. Mais do que isso, gota a gota caem e emitem sons ensurdecedores, capazes de fecharem nossos horizontes; Sérgio Capparelli retrata, “*Pios sem pios, / dizia pra Bia: Pingam na pia / Pencas de pingos! //... Pio, sem pios / Também se arrepia: / com os pingos da pia / E os pios da Bia*”.

Há muitas alegrias na vida, o que inclui o silêncio para ouvir o próprio pensamento. Uma coisa leva à outra; ouvir o pingar d’água ininterrupto significa que nem todos têm a felicidade por ter sossego na vida. Que o maior aliado, para aguentar esse barulho, é o nosso controle; caso contrário, ficamos sem vontade, o que nos leva à inércia e, até mesmo, à loucura.

Sou obrigada a reconhecer, por fazer sentido, que línguas venenosas costumam fazer piadas quando me refiro negativamente à torneira gota a gota; o segredo para não perder o controle, com o barulho do pinga-pinga, está no poder da mente: fantasiar o prazer de não mais ouvir o gota a

gota na pia; tal criação flui e dá vontade de gritar: estou livre para ser feliz.

Para os psicanalistas, “*Todo sentimento é importante para manter o equilíbrio. Todo sentimento é bom. O resultado que ele produz é que pode ser ruim*”. Rendo-me ao saber, pois, o mais estranho, é necessário desconectar a mente do barulho repetitivo do gota a gota, para se conectar com o próprio pensamento. O ser humano é em geral insatisfeito, porque está em busca constante para atingir metas. É questão de medida. Para (re)conhecer o que de fato dá sentido à vida é importante saber o que não queremos; como não ouvir o pinga-pinga da torneira na pia, feito diária tortura. Transformações são previstas por haver situações que, muitas vezes, fogem ao nosso controle, como demonstra Domingos Pelegrini, “*O pinga-pinga da pia na noite / a calha a conferir gota por gota...*”.

Acredito que quem faz escolhas encontra movimentos em suas vidas como chave para expor suas ideias; renovar a rotina, espalhar atitudes que fazem diferença em seus dias no cultivar pequenos prazeres e, ainda, respeitar seu perfil e sua verdadeira vontade. Como no livro *Gota d'Água*, da Série Arte para Criança, de Alberto Goldin, com ilustrações de Tomie Ottake. O livro é rico em arte que dialoga com o leitor, como se ele estivesse em universo mágico, onde a *Gota d'Água* representa a nossa existência.

AS MUDANÇAS & LEMBRANÇAS

Mudança e lembrança são palavras de que gosto muito. São significantes, porque sendo inevitável lembrar que o livro é patrimônio cultural, logo sinto que ler é desejo que gera a mudança e, ainda, faz-me entender a situação da fala e escrita do autor. Então, vivo cada minuto desvendando verdades ocultas ao ler os ensaios de Gilberto R. Cunha, em *Cientistas no Divã*. É livro com o potencial de um universo sem fronteiras, onde o autor utiliza-se da realidade para apresentar suas impressões sobre o mundo.

Saliento as lembranças e mudanças para demonstrar cada passo e ação do escritor que não para de propor novos questionamentos e reflexões ao leitor.

Lembrança: Gilberto Cunha não escreve sobre o que não sabe. Gaúcho, agrônomo e pesquisador é o autor do livro *Cientistas no Divã*, de 2007.

Mudança: ele é a porta de entrada no mundo da ciência, como construção cultural, através da coletânea onde seus ensaios conversam com o leitor sobre os sentimentos que, segundo o autor, muitas vezes, prevalecem sobre a razão. Gilberto faz questão de mostrar uma realidade científica com seus fatos relacionados e fundados em descobertas, como diferencial para a reflexão e a interpretação do leitor. “Entre os maiores desafios dos seres humanos estão compreender os sentimentos, falar sobre os sentimentos e manipular os sentimentos.”

Lembrança: Gilberto Cunha se converte em personagem com ideias e provocações ao narrar textos

recheados de temas agrários e os comparar ao “*amor sem limites*”, isto é, escreve sobre a emoção que fala mais alto do que a razão, podendo impedir a nítida visão dos acontecimentos. Ainda, alerta em *Ética na Agricultura* que estamos diante de nova era agrícola.

Com estilo envolvente, em *Teoria da Fome*, retrata a realidade que, até hoje, se sabe triste, como refletida por Norman Borlaug, quando de visita à Passo Fundo, “*as pessoas famintas se tornam pessoas raivosas; elas não compram alimentos, elas compram armas*”.

Mudança: Gilberto pergunta, “*Como produzir alimentos em quantidade suficiente e garantir que todos tenham acesso indistinto aos mesmos? Ele mesmo responde que, “... assegurar o direito a uma alimentação de qualidade para todos...vai ter de contar com o envolvimento de toda a sociedade, uma ampla mobilização.*”

Para defender a tese de que, mesmo num mundo de incompreensão entre os sentimentos, as contradições e o sistema político, o autor registra credos diferentes, nos ensaios: “*Razão & Fé*”; “*O preço da Opinião*”; “*Que é vida?*” e “*Que é um intelectual?*”, que estão a um passo da nossa reflexão ao nos engrandecer com sua análise crítica dos fatos.

Lembrança: Gilberto Cunha é escritor que contextualiza a época em que o mundo se preocupa, tão somente, com a provocação entre as diferenças e a não busca pela essência da vida com qualidade.

Mudança: Nesse cenário literário, vê que o mundo não é tão *civilizado* como se pensa ao se manifestar nas relações cotidianas: “*processo de mutação que cria o novo e destrói o velho.*” Nas palavras de Schumpeter, “*Ninguém se destaca a*

não ser que faça diferença na vida das pessoas”. Com certeza, Gilberto Cunha se destaca como marco, em razão do que apresenta em sua obra: a naturalidade de uma conversa que, em seus textos, nos aproxima da razão em relação à obra impecável, na forma e conteúdo e na qualidade literária.

Lembrança: *Cientistas no Divã* reflete o tempo como lembrança e a consciência da visão, na preocupação para com o futuro e no transfigurar e transgredir a realidade como mudança.

ARROGÂNCIA & IGNORÂNCIA

Qualquer relacionamento se torna espontâneo quando cuidamos dele com carinho e honestidade diariamente; o que posso comparar com a manutenção de uma planta. Assim, as pessoas se envolvem e ficam à vontade para falar, porque não são simplesmente julgadas pelas palavras. Na soma descobrimos que podemos aproveitar para falar de qualquer assunto que acaricie os nossos sentidos e consciência, para termos ideias em grande estilo. Nas palavras de Mário Chamie, “... *sabia apenas das palavras ocas / que entulhavam em sua estufa / o mofo da nossa ausência*”.

É necessário diferenciar de que o “falar por falar” se iguala à arrogância no “chutar” sobre assuntos desconhecidos. Não digo que é para sempre ter razão. Não! Ao contrário, o respeito mútuo nasce quando um confia no outro e, assim, há liberdade para compartilhar conhecimentos, sem arrogância. Para Luiz Coronel, “... *os lábios tornam-se lâminas / e sangram as mais cotidianas / palavras*”. Também, encontro Jaguar com seu livro de cartuns, *Ninguém é Perfeito*. A ideia é garantir um relacionamento que faça diferença com ações que fortaleçam o dia a dia.

Com arrogância e ignorância não inovamos o jogo da vida e nem equilibramos as proporções do conhecimento. Manoel de Barros demonstra, com o *Livro das Ignorâncias*: “*sou puxado por ventos e palavras*”.

O importante é inovarmos o padrão cultural, com o que nos permitiremos misturar as diferenças culturais, que isoladamente ninguém é ninguém, mas, juntos somos o todo.

Para Mario Quintana, *“A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento...”*, e Helena Rotta Camargo completa: *“A arrogância se compara a um fole, e o arrogante, a um balão de gás”*.

Somos responsáveis pelas palavras e opiniões, delas depende a renovação do tempo em nosso futuro. Não é só questão de relação e sim de armazenar conhecimento para garantir a relação honesta, de vida longa. Na visão de Orson Welles, *“Muchas personas están demasiado educadas para hablar com la boca ilena, pero nos lês preocupa hacer com la cabeza hueca”*.

OPINIÃO: PÚBLICA ou PUBLICADA

Não concordo quando se referem à opinião publicada como se fosse a real versão da opinião pública. Thomaz Alborno Neves opina, *“O que percebo da realidade / veda minha percepção / da realidade”*.

Perco muito tempo tentando acreditar na opinião da mídia, que se encontra conflitante com a visão do público. Nesta linha encontro o livro *A Corrupção da Opinião Pública*, de Juarez Guimarães e Ana Paula Amorim.

Gosto de pensar que a opinião pública, em determinados momentos, marca posição para ser ouvida e não permite a imposição da mídia, havendo até discordâncias; mas, dentro das possibilidades, ouvimo-la para trazer à tona a verdade. Segundo Umberto Eco, *“... a única força que move o intelecto... é a verdade”*.

Acredito que o respeito pela opinião pública deve ser exercido pela vida, porque mexe com o viver, cujo sentimento está vinculado a todos. Hannah Arendt reflete, *“... é com palavras e atos que nos inserimos no mundo... A ação é a fonte do significado da vida humana”*.

Pergunto-me em quantas bobagens publicadas acredito sem analisar serem falsas ou verdadeiras. Fico à mercê da mídia, entre tantas possibilidades, na dúvida de cada fato ou versão exposta como especulação.

Encontro de um lado o poder das palavras na opinião publicada e, de outro, a expressão da vida revelada pela opinião pública, como demonstra Hilda Hilst, *“... Nem sempre há de falar-nos um poeta. / E ainda que minha voz não seja*

ouvida / Um dentre vós, resguardará (por certo) / A criança que foi...”

A “verdadeira” opinião pública estremece com a persistência da opinião publicada em desafiar diferenças entre o verso e o reverso do fato. Nas palavras de Hilda Hilst, “... *Meu dizer é de bronze / E essa teia de prata / A mim mesma me espanta”*.”

A opinião pública não está em busca de flores e sim de respostas honestas, visto o descrédito da opinião midiática. Márcio Almeida retrata, “*Alívio //... um jornal sem a convivência com o poder...”*

Para manter a opinião do público, e a vida no campo do bem estar e do respeito, é importante ter presente a crítica em relação à opinião publicada, com a abrangência da pluralidade do olhar: nem tão de perto que não possa ver o todo, nem tão de longe que possa perder o rumo das palavras. Hilda Hilst completa, “*que mistério tão grande te aproxima / Deste poeta irreal e sem mágica? / De onde vem este sopro que me anima / a olhar as coisa com o olhar que as cria...?”*.”

AFETIVIDADE & EFETIVIDADE: torna real a relação?

Atualmente as pessoas se mostram menos dispostas a viver na afetividade e efetividade; parece não mais existir o carinho, o respeito e a vontade de juntos construirmos a história.

É necessário fazer acontecer a afetividade e a efetividade para tornar consciente a nossa ação em gestos do que poderia ser e não é. Para Joaquim Cardozo, *“De um gesto gratuito / De um ato espontâneo / Do que se dá numa oferta / componho uma flor...”*

De um modo ou de outro, necessitamos rever os passos da afeição e do efetivo para percebermos o que acontece à nossa volta e no mundo. Mas, qual é o motivo que nos leva a abandonar tais atos e gestos? Se prestarmos atenção, veremos sinais do cotidiano e do que estamos realizando; por exemplo, existe certa ansiedade em tempos modernos que nos leva à insegurança e até nos influencia com comportamento “grosseiro”; assim, somos taxados de “mal educados” nos relacionamentos. Acredito que o que torna real a relação é a afeição efetiva. Nas palavras de Agostinho da Silva, *“Quem pode, em raro jogo, escolher... Aí mesmo está escolhendo a sua vida: uma vida que dele mesmo se vai alimentar...”*. Contamos a liberdade como consequência dos nossos atos na escolha dos aspectos em uma relação, como o direito de decidirmos viver em conjunto; unidos podemos manter a vida saudável, prazerosa e feliz, mesmo na

competividade diária e disputa pelo espaço. Só com a afetividade e efetividade é que conseguimos à convivência.

Por razões no viver, temos a ética do “não faça ao outro o que não quer para si ou, não deixe acontecer conosco, o que aconteceu de ruim com os outros”. Essa expectativa inclui, necessariamente, a relação afetiva e efetiva para explicar o fato de que somos uma espécie à procura de vínculos, porque precisamos conviver com as divergências para determinar a nossa satisfação e ir em frente. Seguimos como quem converge sobre o valor do convívio para a compreensão do outro. Segundo Agostinho Both, “... os ruídos da vida têm, então, os seus mistérios. E quando no tempo, ao meio do bulício, se assoma a amargura, o campo convida a que se aquietem o coração ofendido e a ansiedade da alma”.

Sei que com afetividade e efetividade é possível alinhar e ajustar as dificuldades que surgem nas relações nos dias atuais. Antigamente havia o costume entre as pessoas de se tratarem com afeição e efetividade, para a conversa fluir e, assim, trocaram ideias sobre diversos assuntos. Eram senhores do tempo. Hoje, temos a vida estressante, corrida e, ainda, estamos expostos à tentações o tempo todo, o que chega a nos tornar intolerantes quando temos que lidar com grupos em que metas e desejos são muitas vezes incompatíveis.

A compatibilidade entre personalidades e interesses converge na afetividade e efetividade, como ferramenta para aguçar e expressar os sentidos ao estabelecermos, no relacionamento, o que há de melhor em cada um. Na reflexão de Pedro Du Bois, “reconhecidos / reconhecemo-nos / somos a

origem”. Só com a vontade é que descobrimos o outro e podemos viver o lado efetivo e da afeição como medida da realidade.

Esse processo nos traz a duração do encantamento pelo mundo, junto com a vantagem de superar barreiras na relação; conseqüentemente, crescemos ao ter a chance de viver com estímulo e confiança ao equilibrarmos a vida pessoal com a profissional. Como retrata Manuel Bandeira, *“Tu perguntas, curioso quais / serão seus gestos... / Quando discerdes nas espirais... // buscas saber / os seus instintos, suas tendências... / Espiar-lhe na alma por conhecer / o que há de sincero nas aparências”*.

OS MISTÉRIOS entre VER e OLHAR

Qual é a diferença entre ver e olhar? Existindo diferença, ela é sorvida pelo fio da lucidez que, por vezes, altera as imagens e revela a condição humana.

Olho só para a luz que mostra o que quero ver? Ao olhar para algo, trago para perto de mim. É o caso de *Israel Nicolay* que volta o seu olhar para o ferro-velho, com a intenção de encontrar uma peça para transformá-la em bicicleta. Ele é inventor e artista plástico. Seu maior prazer é construir bicicletas (já inventou 88). Tudo começou quando viu um estrado de cama no ferro-velho e logo imaginou uma bicicleta. Desde então suas buscas não tem fim; olha e vê a peça certa para realizar sua obra de arte.

Entre ver e olhar, sigo confiante de que certo olhar atrai mais, porque nele descubro a resposta que procuro. Ver é apenas a reação que serve para identificar os mistérios do mundo de forma diferenciada.

Quando olho para uma obra de arte digo que estou lendo a imagem e, quando vejo a arte, estou passeando pela ideia do autor. A experiência adquirida é que mantém o mistério entre ver e olhar.

Meu caminho é construído por imagens que contam a história. Com o olhar posso ver o que se revela em cada cena. Somos todos iguais, mas, ao franzir os olhos aprendo que não é preciso ter para ser. É preciso entender cada olhar, o silêncio e o que está por trás das cenas da vida.

Volto meu olhar para o ano de 1870, onde encontro o primeiro palhaço negro brasileiro. Seu nome, Benjamin de

Oliveira, acrobata, produtor e ator; dramaturgo e instrumentalista; considerado um dos precursores do circo-teatro no país. Escreveu as peças *Vingança Operária*, *Matutos de Cidade* e *A Noiva do Sargento*, e as encenou no picadeiro. Também, em 1908, dirigiu um dos primeiros filmes do cinema brasileiro *Os Guaranis*. Benjamin com seu olhar criativo formou sua imagem intelectual. E, sem dúvida, vejo com emoção os sentimentos longe dos preconceitos.

Por que muitas vezes o que olho não é o que vejo? Se busco a imagem como resultado, dentro do contexto, olho com o coração; em outras vejo com a razão. Ambos os gestos revelam puro mistério, talvez por ser tomada pela vontade de selecionar o fato que me levou à inverdade do ato. Como se me censurasse ou me submetesse a um olhar maior; como se não estivesse olhando para dentro, mas, vendo apenas o lado de fora. É como aprendi: ver o que é melhor para mim.

Sob o prisma do mistério, o olhar simbolicamente compõe a paisagem ao captar nuances e diversidades nas cenas da vida. Contudo, não apenas reitero o desejo de ver, como torno o registro do olhar na representação do que me revitaliza e relembra a busca incessante pelo novo e desconhecido.

MUSAS & MÃES

Em homenagem às mães, escolho Martha Rocha para ser lembrada, pois, todas as mães brasileiras são bonitas por dentro e por fora e têm uma beleza irrepreensível, desnudando a alma da mulher. Martha colaborou para deixar marcada aquela época como dos “anos dourados”, como gostamos de nos referir às nossas mães.

Lembrando, a baiana Martha Rocha foi eleita Miss Brasil, em 1954, aos 21 anos de idade. O júri era composto pelo poeta e acadêmico Manuel Bandeira, o pintor Santa Roza, o romancista e deputado Armando Fontes, a escritora Helena Silveira, o escritor Fernando Sabino, o cronista e poeta Paulo Mendes Campos e o jornalista Pompeu de Souza.

Por arte de magia, Manuel Bandeira declarou: *“Martha Rocha reúne as qualidades para lutar pelo título. Os olhos da baiana são um poema, o corpo é de uma plástica irrepreensível, os cabelos são louros e o sorriso é admirável”*. O poeta estava mesmo com razão.

Sentimos saudades daqueles tempos um tanto ingênuos que, ainda hoje, quando os lembramos, empolga todos nós e valoriza as mulheres; Martha foi escolhida a mais bela por intelectuais e celebridades, recebendo total consagração popular.

Os cronistas Carlos Leonan e Ana Maria Badaró perguntam: *quem contesta a musa Martha Rocha?* Seria o mesmo que perguntar: quem é a mãe? Todas são mães e musas.

Mãe é aquela que tem amor materno e passa para o seu filho confiança, independência e autonomia, para que ele

esteja preparado para traçar a sua linha de vida, fazer as suas escolhas e superar as suas frustrações, até o dia em que se torne adulto, construa sua família... abrace seu filho e o saiba confortar nas horas difíceis.

A vitória de Martha é a vitória das mães, ambas alcançadas por seus desempenhos e qualidades. Elas serão sempre nossas eternas musas, como apresenta Pedro Du Bois, *“Sabe da vida / razões explicitadas / no que faz durante os dias // recebe e oferece / o contido / o inconstituido / o recolhido / e o extravasado // tem o amor inteiro e completo / no suave perfume invadindo o ambiente // concede o afeto / e o torna perto / em sua verdade // sente o corpo descansar / e se refaz inteira / na integridade”*.

A INTENÇÃO e o FEITO

Qual a diferença entre a intenção e o feito?

As ideias começam quando os pontos tecem a renda do gosto, da cor e dos atos. Não se pode ficar apenas na intenção. É preciso buscar o ato para ter atitude. É tecer a renda, em que fazemos os pontos para o acabamento. O avesso das rendas é a deformação na construção denominada defeito. Vera Lúcia de Oliveira reflete, “*já é ideia de paciência / o fio que traça / tranca no desfazer // já é ideia contínua / que rói um outro coser...*”

A intenção é desfiada e, por vezes, torcida, tornando a composição diferente do idealizado, pela variação do entendimento. O feito movimentava a intenção e, talvez, seja suficiente para diminuir a distância entre um e outro. Revelo a distância, metaforicamente, em pontos que podem se multiplicar dinamizando o acabamento na peça pronta para pontuar o feito com intenção, ou a intenção de fazer. Segundo Antonio Olinto, “*... antes da voz, o gesto / já desfiava / as folhas do mistério*”.

Por falar em rendas, *zigue-zague e ponto cruz*, trago um pouco do passado, tempo em que era considerado de *bom tom* a moça confeccionar seu enxoval, para ser valorizada por seus feitos. Também, saliento as rendeiras do nordeste, onde os bordados são, muitas vezes, a única fonte de renda da família.

Intenção e feito se fundem na execução e se unem nos pontos de *rendendê*. O importante é ter a intenção junto com o feito, para que a ideia se multiplique através dos gestos e

atitudes, para dinamizar e diminuir a distância entre eles. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “... Não tramo gritos nem grilos, / não busco rictos aflitos, / não espero e não desespero. / Apenas sonho e não quero / projetos no campo e sim / um ideal sempre atento, / uma vontade, pouco mais que, / metade da metade de um devaneio...”.

Na BRUMA do TEMPO

Encarar o tempo é diferente de pensar: errar é humano. No popular, dizem que *“é errando que se aprende”*. Na bruma do tempo, o erro que tentamos esconder, através de joguinhos no cotidiano, nos segue pelo caminho. Não dá para controlar quando em retrocesso o erro virá à tona. Mas, o jogo é virado em movimento relacionado com a cultura, fosse um “golpe”, já que *“errar em algo, não faz de nós a pior pessoa”*. Aliás, deve ser encarado como algo determinante para a chance de mudança. Helena Rotta de Camargo retrata que *“Cada um de nós constrói e estrutura sua própria existência, que se revela uma travessia de mão dupla: tanto pode guindar-nos ao paraíso, quanto enterrar-nos no lodo”*.

Na contramão do tempo, o erro é banalizado e, até, não levado em conta, por não atender de maneira adequada ao grito ou a crítica, evolutivos nas entrelinhas para a construção da verdade.

Na bruma do tempo a relação entre o erro e o acerto faz parte de um plano de responsabilidade e desafios, como conflito entre o querer e o poder, quando no âmbito pessoal. Agostinho Both questiona se *“... De fato, o frágil pensamento é feito de pó... que tempo é esse no qual as intempéries machucam até os santos?...”*.

O tempo é ferramenta para as mudanças e nos dá a ideia de um mundo humanizado, em que a garantia do perdão pelo erro cometido está na compreensão de ser encarado como “oportunidade” para alcançar o objetivo. Nas palavras de Ari Ferrão, *“... vivemos num momento de total inversão de*

valores:/ cresce o desamor... ódio e maldade / Não há perdão;... essa é a realidade...”.

Na bruma do tempo não conseguimos introjetar tal ideia; encontramos diariamente reações com pouca receptividade. Mais, colegas/amigos se aproveitam do nosso erro para “subirem” na carreira/vida sem precisarem obter suas respostas. Assim, em Agostinho Both, *“... A maldade parece dar lugar de se ir além. A austeridade com que olho a história me deixa descontente. Não posso, todavia incriminar como se fosse o maior virtuoso e justo dos humanos... A natureza é ainda a mesma. O tempo é que a regula...”*.

É difícil encarar os contrastes de opiniões, que se tornam ameaçadores na medida em que o erro nos tira do conforto e abala a nossa confiança, ainda, nos faz permanecer em risco de exposição. Helena R. de Camargo revela que *“viver é desafiar o tempo e suas maquinações”*.

Na bruma do tempo o erro é refletido como lembrança indesejável em nossa vida, sempre que no jogo emotivo a crítica carrega as palavras sem apurar as diversas e circunstâncias elementos que consubstanciam os fatos.

EXPERIÊNCIA & MEMÓRIA

Quais são as chances de compartilharmos a experiência e a memória? Estabeleço responsabilidades e defino regras para o viver. Registro momentos que me permitem agir com liberdade para centrar o pensamento e, assim, relembrar o fato. Geraldo Vandré, nos anos 60, queria que o povo conhecesse e entendesse a sua arte como mensagem, como na *Canção Nordestina*, que fala da seca: “*Que sol quente, que tristeza... / Que foi feita da beleza / Tão bonita de se olhar? / Que é de deus e a natureza? / Se esqueceram com certeza / Da gente nesse lugar*”. Para Milton Severiano da Silva, “*Vandré é um poeta que usa a canção para expressar a sua poesia*”.

De certa forma, a experiência é a proteção para se viver com o olhar atento às necessidades. Ao compartilharmos o conhecimento multiplicamos as palavras e ações, não esquecemos quem somos. Assim, permitimo-nos seguir com liberdade e desejo, o que nos leva a experimentar o novo e ouvir o outro e, quem sabe, poderemos “apalpar a realidade”. Antonio Olinto coloca, “*Pudesse ao menos ouvir / uma palavra / e teria compreendido. //... O homem de que vale?*”

Preservamos o que julgamos importante na vida, para compartilhar com o outro a experiência, reconstruir a memória e, assim, não esquecer o que cada coisa no mundo representa, sem perder o rastro de por onde andamos, para deixar a experiência como incitação ao novo olhar.

Memórias e experiências é a satisfação no viver, no amor e no trabalho; no pensar e agir; em valores e crenças;

nas habilidades e hábitos. Ao serem expressadas e repensadas, maximizamos a liberdade na construção da consciência. Nas palavras de Sergio Bath, *“buscando / encanto de palavras / neste dia de Sol // ... quisera entanto / que todas as flores / viesse um canto // restasse só o meu espanto / diante do real”*.

POSITIVO & NEGATIVO

O bem estar é uma conquista. O tempo, medida provisória. A idade concentra passagens em que envelhecer para uns é positivo e para outros é negativo.

Com o passar do tempo, cada vez mais, entendo o valor dos atos e fatos, assim, procuro me concentrar nos atos, tanto passados quanto presentes, priorizando mais os positivos do que os negativos.

A expectativa positiva oferece a compreensão na dimensão do tempo. O passar da idade manda recados, por isso, tento alcançar e realizar o que me faz feliz, mesmo que o dia seja difícil; ainda assim, olho para o todo e me reconheço. Até quando passo por situações difíceis olho para o lado positivo, para me obrigar me conectar com o tempo e perceber os benefícios da vida. Na antologia, *Idosos Letrados – Versos e Relatos*, encontro desafios desvendados para se conviver com a velhice.

Enquanto alguns pensam na velhice como o fim das atividades, eu me preocupo em aproveitar o momento produzindo e sorrindo; posso reconhecer e mostrar ao outro o significado de viver e envelhecer ao amar e ser amada. Sei que só isto não reflete a realidade e, então, temos a comparação com o ideal ao definirmos que o tempo pode ser escolha diária por julgar positivo ou negativo.

O processo gera a busca por respostas; quando o lado negativo se apresenta, nem sempre fico à vontade para resolver as questões diárias. Como armar algum quebra-

cabeça, onde tenho o dito pelo não dito; o tempo confrontado pelo sentimento em relação a me sentir melhor ou pior de que no dia anterior. Agostinho Both, no livro *Feições das Horas*, revela memórias como momentos de sensibilidades nas lembranças que iluminaram suas horas.

Quando fico ao lado de quem muito se queixa das marcas do tempo, corro o risco de ser contagiada, porque a queixa contraria a natureza e, para envelhecer com dignidade, tenho o propósito de desvendar os temores adormecidos.

O tempo se encarrega de me enviar lembretes diários que, por vezes, me assombram, mas que são essenciais no reconhecimento de ser o melhor presente, pois, transformam magicamente os movimentos em positivo ou negativo.

A questão está em saber o quanto é negativo ou o tanto que é positivo, para isso, preciso conviver ou descobrir, quanto tempo tenho?

Destaco Agostinho Both por descrever vivências, experiências e reflexões sobre envelhecer nas obras: *Frutos do Inverno; Sessentões e Contos do Envelhecer*. O autor afirma, “... O potencial inesgotável da velhice; o saber envelhecer entre o nascer e o morrer e, as mudanças substanciais, as diferenças à velhice, sobre a qual tem muito que aprender...”

Vivenciar e avaliar o lado positivo e o negativo é conviver cuidadosamente; não há nada mais cansativo do que estar ao lado de quem se queixa da vida o tempo todo. Nas palavras de Joana Flaiban, “Foi mais um dia, / Que passamos. / Mais uma esperança, / que eu matei // ... e se o mundo é traiçoeiro / e quer matar minha alegria. / Eu tenho uma esperança, / Pra matar a cada dia”.

OSSOS do OFÍCIO

“O significado da expressão ossos do ofício remete para a realização de uma tarefa incômoda ou que implica um esforço extra, na sua execução.” Difícil compreender, mas, todos fazem parte das obrigações do dia a dia, como diziam os antigos, são os ossos do ofício. Segundo Agostinho Both, “*A natureza humana busca a diferença, a liberdade e a vantagem*”.

Em cada profissão há sempre algum desalinho que, por vezes, toleramos, eis que são os ossos do ofício. É de se esperar que, mais do que respeitar o trabalho, conviver com ele é incorporar as dificuldades e os incômodos, como fonte de receptividade e diversidade. Agostinho Both salienta que “*O mérito... estava em suas próprias mãos e não na sorte que o Senhor pudesse conferir*”. No entanto, reconheço como é difícil contribuir, em grande parte, com a (in)tolerância que tem se transformado em ato de discordância, quando no trabalho não somos espontâneos e as tarefas se multiplicam.

De onde vem a vontade de não se queixar sobre os ossos do ofício? Agostinho diz que “*... sobre muitas coisas se sonha e, geralmente, o sonho perde para a realidade*”.

Acredito que o entusiasmo vem da criatividade e da responsabilidade que temos pelo trabalho. Com dedicação permitimo-nos fazê-lo, conscientes de que nos entregamos para mostrar o nosso talento e contribuir para fortalecer a nossa identidade. Both alerta que “*... tudo o que está fora do homem, está também dentro dele... a natureza e sua paisagem instruem a alma humana*”.

Falo em ossos *do ofício*, logo penso no poeta que, por sua vez, trilha caminho próprio em que atua e assume posições-chave, pois, tem condições de conquistar o seu espaço ao compilar as ideias; então, encontro em Vera Lúcia de Oliveira, no livro *Entre as Junturas dos Ossos*, poemas que retratam, “o que está entre as juntas dos ossos é o que temos de mais profundo no corpo vivo...” – “fui aos poucos / tirando as cascas / do osso / derrubando muralhas / de artelhos...”. Ela evidencia que, na hora de trabalhar, realiza a ação expressando ideias, no sentido de provar que o esforço engrandece a todos: que se a poesia não é imprescindível, é desejada.

Somos moldados pelas referências e, quando do nosso interesse, as incorporamos. Ainda em Agostinho Both, “o nosso pensamento está livre para representar um novo tempo e para que possamos fazê-lo, a exemplo do que se passa em nosso espírito. Que nossos braços tenham a força para cumprir nossas palavras”.

Ao acreditar em nosso talento, consideramos os ossos *do ofício* e mostramos que somos bons no que fazemos. O truque é desafiar as diferentes interpretações, certas ou erradas e não perder a noção do quê e como fazer o trabalho.

ERRO por MEDO ou tenho MEDO do ERRO?

Erro por medo ou tenho medo do erro? Na dubiedade reside o medo como palavra significativa, até que eu tenha o controle dos sentidos e do ato. Pedro Du Bois escreve que *“O erro e o medo andam / juntos nos procuram / em ambientes escusos / erramos por medo / e temos medo do erro //... juntamos o medo ao erro no que repetimos / cada vez que procuramos consertar os erros / e não morrer de medo.”*

Saliento que o mundo, como o vejo, se apresenta em “loucuras” diárias e sensacionalistas, o que me assusta. As pessoas com passos rápidos passam de suas vidas diárias para a solidão, ao se distanciarem do caminho da chegada. Receio que o medo está instalado.

Vejo provocações sem bloqueios, sobre vidas machucadas através de histórias erroneamente contadas como verdadeiras. O desatino pelo dinheiro. O que me remete ao medo, no momento em que escuto a música me tornar passado. Tento gritar para não me sentir presa em mim, escondida no rosto rasgado em vidas consentidas. Não tenho a verdade do mundo, mas, a angústia no silêncio que me amedronta.

O medo simboliza, em mim, o fim do caminho na descontinuidade dos sentidos; a escolha escondida da verdade e o ciúme acabando com os minutos de lembranças, onde meu coração arteiro costumava brincar de viver. Miguel de Cervantes escreveu, *“O medo que tens – disse D. Quixote – faz, Sancho, que não vejas nem ouças direito, porque*

um dos efeitos do medo é embotar os sentidos e fazer com que as coisas não pareçam o que são...”

Por ter medo do erro, desisto dos sentimentos e fico frente à visão do horizonte, em movimentos desordenados; choro quando o dia começa. Como expressa João Guimarães Rosa, “... um medo constante, acordado e dormindo, anoitecendo, amanhecendo.”

Tem horas que meu erro me cala ao demonstrar o meu desassossego ao espiar, pela cortina da janela, a vida contida em que me aprisiono pelos ciúmes na vida revolvida.

O medo atrapalha o meu sono e, ao mesmo tempo, me faz desperta diante da vida. Escuto murmúrios na minha cabeça e vejo folhas secas, fosse o medo no relacionamento escurecido pelos ciúmes. Nas palavras de Pedro Du Bois, “*Teceria o pano / em que guardaria / suas vergonhas // fosse o linho cru / fosse o algodão cru / fosse o corpo nu // ... a vergonha restabeleceu a verdade / dos medos e das vontades / que nos acompanham.*”

Sou feita do medo opaco, no descompasso do que não entendo: erro por medo ou tenho medo de errar?

Poesia: RESGATE MERECIDO

“Sem autoria e sem versos a poesia será encontrada na pedra / no rosto / na copa das árvores ensimesmadas...” (Fernando Paixão)

Limito-me a resgatar a poesia, os poetas e seus livros, onde encontro páginas de construção de linguagem em processo artístico. A magia poética na expressão do momento que marca, profundamente, o leitor e o escritor e se entende até o final da vida. Carlos Drummond de Andrade disse que *“a poesia é uma forma de conhecimento. A ser assim, parece viável, equiparar o poeta ao filósofo, pois ambos partem em busca da essência das coisas, dando-lhes uma explicação e um sentido”*.

Faço o resgate merecido porque o público brasileiro não é consumidor de poesia; gênero que perde importância ante outros de mais fácil leitura. Lêdo Ivo demonstra, *“Leitura de Poema // Eis o modo certo / de ler um poema: / com um olho fechado / e o outro aberto”*.

O poeta, com sua inspiração, insere-se no poema e empresta a linguagem, a voz e a visão transformadora, para que venha a ser lido com prazer, como expressa Álvaro Pacheco, *“Quanto tempo leva a Poesia / para descobrir sua única palavra? Quanto tempo / leva a terra para se cobrir de húmus e ter um esperma estéril?...”*

Na poesia encontra-se a inesgotável riqueza do universo das significações sociais, afetivas e culturais. Para Ferreira Gullar, *“O poema, ao ser feito, deve mudar alguma*

coisa, nem que seja o próprio poeta. É certo que o leitor, neste caso, está montado na experiência e nas aspirações do poeta”.

Quem quer viver sem inspiração? Ela permite contemplar a criação que, muitas vezes, traduzem em palavras sinais para compreender o mundo que nos cerca; renovar e transformar lágrimas em risos e a desilusão em esperança. Júlio Perez, no livro *“Expresso instante”*, revela a poesia como reflexão do mundo, *“Se ver é existir / basta-me / a imaginar”*. Ziza de Araújo Trein, na sua obra *Vida e Poesia*, de 1923, relata sua vivência, desde as mais ingênuas até as mais críticas, *“Sol // Eu o odeio! (nem sei bem o termo exato) / A esse sol tão ardente e sobranceiro, / Que bem igual a um conquistador barato / Tem o fogo no olhar como braseiro...”*.

A poesia transfigura a cor, a dor e ilumina o pensamento. A inspiração vence o tempo, caracteriza o poeta e o leva à plenitude na descoberta do mundo, onde exprime sua criação e oscila entre a totalidade dos sinais da vida e o fragmento do homem. Está ligada diretamente à literatura em perspectivas diferenciadas da nossa cultura. Reflete o espírito do poeta como expressão humanística. Neste sentido, resgatar a poesia é retomar as origens da linguagem e preservar os poetas com merecidos critérios. É importante no resgate da poesia a sensibilidade e o estilo do escritor, definindo que o conjunto representa jogos conceituais de palavras e ideias; imagens e símbolos; tudo com a pretensão de reconquistar os brasileiros para a leitura de obras poéticas, como sedução da vida. Encontro em Adélia Prado, no livro *Poesia Reunida*, o capítulo *“Qualquer coisa é a casa da poesia”*

O poeta que faz, cria, inventa, ousa e sugere, sem medo de expor seus sentimentos, leva o leitor a mergulhar na

liberdade e desafiar qualquer fronteira, como demonstrado no livro *Quando Nem Freud Explica, Tente a Poesia*, “*Seja qual for o caminho que eu escolher; / um poeta já passou por ele antes de mim*”, escreveu Sigmund Freud. A poesia é resgate merecido! Ivan Junqueira pergunta, “... *Que seria o poema: / uma voz que clama? / Ou a dor que algema?*”.

Obras da Autora

Amantes nas Entrelinhas
O Exercício das Vozes
Autópsia do Invisível
Comércio de Ilusões
O Eco dos Objetos – Cabides da Memória
Arte em Movimento
Vidas Desamarradas
Entrelaços
Eles em Diferentes Dias



Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br



Este livro foi produzido pela EDIÇÃO POR DEMANDA, por encomenda de seu autor, que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização e distribuição desta obra.

www.edicaopordemanda.com.br



TÂNIA DU BOIS,
residente em
Balneário Camboriú,
SC. Pedagoga.
Articulista e cronista;
textos em diversos
portais, sites e
blogs literários.
Organizadora e
revisora de textos;
capista de livros.
Participante do
Projeto Passo
Fundo (RS).

A Linguagem da
Diferença é aquela que
tem muitas razões
pelas quais exprimimos
a arte, onde nos
reconhecemos e
conhecemos a história.
A diferença se faz e
refaz nas descobertas
ao refletirmos nas
palavras o verso em
reverso, que pode nos
levar a momentos
inusitados entre
caminhos das escolhas
e que se torna o jogo
do prazer ao sentir a
extensão das
entrepalavras como
arte de indefinível
mistério "quebrando"
a r o t i n a .

